

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS À DISTÂNCIA

ALIANE CRISTINA MAIA LIMA
JOAQUIM LUÍS CARRIJO
MEIRE LÚCIA DOS SANTOS OLIVEIRA

REFLEXÕES ACERCA DAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS INCLUSIVAS NO
ENSINO DE ARTES VISUAIS

Goiânia
2021

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Aliane Cristina Maia Lima, Joaquim Luís Carrijo, Meire Lúcia dos Santo Oliveira.

Título do trabalho: Reflexões Acerca das abordagens Metodológicas Inclusivas no Ensino de Artes Visuais.

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Aliane Cristina Maia Lima

Joaquim Luís Carrijo

Meire Lúcia dos Santo Oliveira

Assinatura do(a)(s) autor(a)(es)(as)

Ciente e de acordo:

Roberta P. Abdala

Assinatura do(a) orientador(a) e coorientadora

Goiânia, 31 de Maio de 2021.

⁵ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS À DISTÂNCIA

ALIANE CRISTINA MAIA LIMA
JOAQUIM LUÍS CARRIJO
MEIRE LÚCIA DOS SANTOS OLIVEIRA

REFLEXÕES ACERCA DAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS INCLUSIVAS NO
ENSINO DE ARTES VISUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Artes Visuais-EAD da
Universidade Federal de Goiás como uma
proposta à obtenção do título de Licenciado em
Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a. Ma. Kellen Cristina Prado da
Silva

Coorientadora: Profa. Dra. Lorena Pompei
Abdala

Goiânia
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

LIMA, ALIANE CRISTINA MAIA
REFLEXÕES ACERCA DAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS
INCLUSIVAS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS [manuscrito] /
ALIANE CRISTINA MAIA LIMA, JOAQUIM LUÍS CORRIJO, MEIRE
LÚCIA DOS SANTOS OLIVEIRA. - 2021.
101 f.

Orientador: Profa. Kellen Cristina Prado da SILVA; co-orientador
Lorena Pompei ABDALA.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2021.

Anexos.

1. Abordagens metodológicas . 2. Artes visuais. 3. Inclusão. 4.
Experiência estética. 5. Diversidade. I. CORRIJO, JOAQUIM LUÍS.
II. OLIVEIRA, MEIRE LÚCIA DOS SANTOS . III. SILVA, Kellen Cristina
Prado da , orient. IV. ABDALA, Lorena Pompei , co-orient. V. Título.

CDU 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS- LICENCIATURA EM EAD

**ALIANE CRISTINA MAIA LIMA
JOAQUIM LUÍS CARRIJO
MEIRE LÚCIA DOS SANTOS OLIVEIRA**

**REFLEXÕES ACERCA DAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS
INCLUSIVAS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para obtenção do título de Licenciado
em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV)
da Universidade Federal de Goiás (UFG);

Defendido e aprovado publicamente em 12 de Junho de 2021, pelos seguintes membros da banca:



Profa. Ma. Kellen Cristina Prado da Silva – Orientadora
Universidade Federal de Goiás



Profa. Dra. Lorena Pompei Abdala – Coorientadora
Universidade Federal de Goiás



Profa. Dra. Nayara Joyse Silva Monteles – Avaliadora
Universidade Federal de Goiás



Profa. Dra. Leda Maria de Barros Guimarães – Avaliadora
Universidade Federal de Goiás

Goiânia
2021

Resumo:

O trabalho tem como proposta produzir reflexões acerca das abordagens metodológicas inclusivas no ensino de artes visuais a partir da investigação de abordagens metodológicas inclusivas utilizadas pelos professores. Trabalhando com o aluno o sentido de pertencimento dentro do ambiente escolar. Consideramos que a arte pode oferecer ao aluno uma ampla possibilidade de experiência para os alunos. A experiência deve ser orientada pelo professor para proporcionar aos alunos o questionamento sobre a sua realidade social e cultural, bem como, a percepção de si mesmo perante a sua realidade. Isso proporciona ao aluno refletir em como ele pode respeitar a forma de pensar, sentir e ver do colega. Esse processo irá refletir na sala de aula como um todo, proporcionando um ambiente inclusivo nas aulas de artes visuais. Por isso o nosso trabalho incluiu um olhar atento para as políticas públicas, um embasamento teórico sobre as principais filosofias de ensino de artes visuais, como Dewey e Ana Mae Barbosa. Produzimos duas entrevistas com professores das artes visuais, no intuito de compreender melhor como é a realidade desse professor e o processo de construção das abordagens metodológicas inclusivas que eles têm utilizado.

Palavras- Chaves: abordagens metodológicas, artes visuais, inclusão, experiência estética, diversidade.

Abstract:

The work aims to produce reflections on inclusive methodological approaches in teaching visual arts from the investigation of inclusive methodological approaches used by teachers. Working with the student the sense of belonging within the school environment. We believe that visual art can offer the student a wide possibility of experience for students. The experience must be guided by the teacher to provide students with questions about their social and cultural reality, as well as their perception of themselves in relation to their reality. This allows the student to reflect on how he can respect the way he thinks, feels and sees his colleague. This process will reflect on the classroom as a whole, providing an inclusive environment for visual arts classes. Therefore, our work included a careful look at public policies, a theoretical basis on the main philosophies of teaching visual arts, such as Dewey and Ana Mae Barbosa. We produced two interviews with visual arts teachers, in order to better understand how this teacher's reality is and the construction process of the inclusive methodological approaches they have been using.

Keywords: methodological approaches, visual arts, inclusion, aesthetic experience, diversity.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1- INCLUSÃO: CONCEPÇÕES, HISTÓRICO, O QUE ENTENDEMOS DE INCLUSÃO.	12
Políticas Públicas para uma educação inclusiva	12
CAPÍTULO 2- MÉTODOS E METODOLOGIAS; AFINAL, O QUE QUEREM DIZER?	21
2.1 Metodologia no Ensino das Artes Visuais no Contexto de Inclusão	26
2.3- Referenciais Teóricos: autores que trazem filosofia de ensino nas artes visuais e como podem ser pensadas abordagens metodológicas a partir deles.	31
CAPÍTULO 3- AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS INCLUSIVAS DE ENSINO DE ARTES VISUAIS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES.	37
3.1.1 Professora Cíntia	38
3.1.2 Professora Ires	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
APÊNDICES	53
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	54
ANEXOS	60
ANEXO I- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA CÍNTIA	61
ANEXO II- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA PROFESSORA IRES	77

INTRODUÇÃO

Escolhemos o tema Reflexões Acerca das abordagens Metodológicas Inclusivas no Ensino de Artes Visuais para desenvolver a nossa pesquisa na conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Durante a pesquisa queremos responder: quais as abordagens metodológicas inclusivas para o ensino em artes, vem sendo aplicadas pelos professores de Artes Visuais na educação básica em contextos de inclusão?

O interesse pelo tema é anterior à realização do curso de licenciatura e surgiu a partir das experiências com o Grupo Autista de Jataí (GAJ). Adentrei ao grupo no ano de 2015. Aos sábados promovíamos atividade para estimular essas crianças dentro das suas dificuldades e potencialidades. Durante o curso de artes visuais procurei pesquisar como eu poderia aplicar o que eu aprendi no curso com essas crianças. E me deparei com uma escassez de pesquisas voltadas para as crianças com autismo, dentro do ensino de artes visuais. Principalmente, a escassez de estudos que extrapolassem o uso das artes visuais, para além do estímulo sensorial ou motora da criança.

Eu, Meire, acrescento a minha experiência na sala de aula como professora substituta. Trabalhei por dois anos e sempre que tinha oportunidade cobria a vaga de professores numa escola estadual. Lá foi onde vivenciei o trabalho com a inclusão, e, pude perceber neste período que esse trabalho tem muito mais a ensinar para nós professores do que nós temos para ensinar eles, alunos percebendo então que eles trazem em si algo deles mesmos para somar.

Durante o nosso trabalho, escolhemos não trabalhar com um aspecto de inclusão ou deficiência específico. Por entendermos, que a inclusão depende mais do professor ser inclusivo, por isso escolhemos focar nas abordagens metodológicas dos professores, não em um aspecto de inclusão específica.

Conforme o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, “metodologia é a resultante da necessidade específica de garantir à sua disciplina também específica o uso cada vez mais eficaz das técnicas de procedimento que dispõem” (UNESP, 2012, p. 25), o que implica uma necessidade de um desenho mais profundo para compreender e diferenciar método-técnica-caminho e ao mesmo tempo metodologias como a “ação” do fazer esse caminho, usado para atingir o objetivo do método.

Portanto, a discussão sobre abordagens metodológicas inclusivas em sala de aula, provocam reações diversas, ideias confluem e se diferem dentro do contexto ao qual se pretende. Conforme relato no Alexandra Anache, em Possibilidades de Aprendizagem, FNDE,

O professor ao proporcionar aos alunos situações de aprendizagens mais próximas dos interesses deles, oferecer-lhes-ão possibilidades de novos interesses. Porém não basta conhecer seus interesses, mas ser necessário despertá-los para novas criações em diferentes graus e contextos acumulando novos interesses ao que já foi aprendido. Variar estratégias de intervenção (ANACHE, 2011, p. 132)

Procedimentos habituais são comuns na sociedade escolar dita comum. E na inclusão? Na inclusão, as abordagens metodológicas precisam atender as necessidades de cada estudante em sua individualidade, visando um ensino democrático. Em nossas discussões sobre metodologias e o ensino das artes visuais, buscamos compreender quais seriam essas abordagens metodológicas utilizadas pelo professor com formação em artes visuais.

Com isso objetivamos compreender quais abordagens metodológicas inclusivas para o ensino em artes vem sendo aplicadas pelos professores de Artes Visuais, através da compreensão da inclusão como uma educação democrática para todos. Dessa forma, buscaremos uma pesquisa realizada com professores em artes visuais a respeito de quais abordagens metodológicas eles utilizam nas suas aulas para que elas sejam inclusivas.

Para embasar nossa fundamentação teórica realizaremos uma pesquisa qualitativa se valendo de pesquisa literária em artigos, livros, sites, etc. Buscaremos dentro dessa bibliografia, metodologias utilizadas pelos arte - educadores, assim como as contribuições da Arte para desenvolvimento de uma educação inclusiva. Será feito um estudo bibliográfico com o objetivo de compreender os conceitos e práticas inclusivas, as legislações vigentes que garantem a implantação de uma “Escola para Todos” e das metodologias de ensino de Artes.

A coleta desses dados foi feita por entrevista com duas professoras através do Google Meet a fim de cumprir o distanciamento social imposto pela pandemia SARS-COV 2 vigente na época dessa pesquisa, 2020-2021.

No primeiro capítulo trataremos um breve apanhado das políticas públicas atuais que permite pensarmos a escola e abordagens metodológicas inclusivas para o ensino de artes visuais

No segundo capítulo, haverá um pouco sobre os conceitos de método e metodologias como caminhos a serem traçados pelo professor. Também discutiremos sobre os nossos referenciais teóricos a partir de Ana Mae Barbosa e a filosofia de ensino de John Dewey, trazendo o conceito de experiência estética de que o processo artístico deve ser priorizado ao resultado final. Abrindo o pensamento para que compreendamos que todos são capazes de participar por uma experiência estética, e portanto, produzir arte.

O terceiro capítulo, trazemos um resumo das entrevistas que foram feitas com o objetivo de percebermos as abordagens metodológicas de ensino de artes visuais que os professores têm utilizado para propostas pedagógicas inclusivas. As professoras entrevistadas têm formação em artes visuais, esse foi um dos requisitos que consideramos para selecionar essas professoras. Pensamos dessa forma porque o nosso objetivo era conhecer a realidade, as dificuldades e as soluções encontradas para enfrentar o desafio de aulas inclusivas no ensino de artes visuais.

Falando em experiências vivenciadas a partir das entrevistas das professoras Cíntia e Ires, colocaremos também um pouco da nossa experiência pessoal sobre o trabalho com alunos deficientes nos espaços nos quais trabalhamos.

Acreditamos que dessa forma o trabalho permite refletir sobre a importância das Artes Visuais para pensarmos sobre abordagens metodológicas inclusivas no ensino de artes visuais.

CAPÍTULO 1- INCLUSÃO: CONCEPÇÕES, HISTÓRICO, O QUE ENTENDEMOS DE INCLUSÃO.

Políticas Públicas para uma educação inclusiva

A implantação de uma educação inclusiva na escola deve ser orientada pelas políticas públicas vigentes em um país. Isso não poderia ser diferente para as aulas de artes.

Para compreendermos como se insere a inclusão no contexto escolar nas aulas de artes, precisamos compreender as orientações e as garantias expressas nas políticas públicas. Por isso, optamos por discorrer sobre as políticas internacionais, que deram origem às discussões sobre a inclusão e as políticas públicas nacionais que normatizam, regulamentam e legalizam a inclusão escolar no Brasil; com o objetivo de compreender quais são as ações efetivas que a escola e o professor devem promover no seu cotidiano escolar, para uma aula inclusiva.

Em seguida, pensamos como esses preceitos dialogam com as metodologias do ensino das artes visuais para a educação básica; tema que será tratado no próximo capítulo.

O termo inclusão foi oficialmente utilizado a partir de 1994 pela Declaração de Salamanca. Porém, sabemos que as transformações sociais e culturais ocorrem antes da legalidade. Por isso alguns conceitos já eram discutidos para conscientizar as nações para uma educação para todos. (PLETSCH, 2014)

Bem antes da Declaração de Salamanca, no final do século XVIII, após a revolução francesa, teve início a discussão de uma educação que também fosse oferecida para os que eram considerados excluídos pela sociedade. Entre eles haviam aqueles que hoje são provenientes do que chamamos Educação Especial. Buscou-se implementar uma educação para aqueles que eram considerados deficientes físicos ou mental, os chamados de idiotas nesse período. (MENDES, 2010)

Foram fundadas na Europa, as primeiras instituições especializadas em surdos e cegos. No Brasil ela se inicia no século XIX, através da criação do Instituto dos Surdos- Mudos no Rio de Janeiro, Hospital Juliano Moreira na Bahia que dava assistência médica aos indivíduos com deficiência intelectual e na Escola México também no Rio de Janeiro voltada para as deficiências físicas e intelectuais (MENDES, 2010). Márcia Denise Pletsch ao citar Bueno diz que:

A Educação Especial não nasceu para dar oportunidade a crianças que, por anormalidade específica, apresentavam dificuldades na escola regular. A educação Especial nasceu voltada para a oferta de escolarização a crianças cujas anormalidades foram aprioristicamente determinadas como prejudiciais ou impeditivas para sua inserção em processos regulares de ensino. (BUENO apud PLETSCHE, 2014, p. 72)

A Educação Especial, em suas primeiras concepções, estava baseada nos preceitos do pensamento evolucionista, em consonância com o discurso liberal, com o objetivo de homogeneizar as classes. Essa concepção tinha como princípio, a modernização e racionalização da indústria nas sociedades capitalistas. E o agrupamento dos alunos em classes homogêneas, segundo seu desenvolvimento mental; é nesse sentido, uma das combinações de organização racional do trabalho pedagógico. (MENDES, 2010)

As discussões de uma educação voltada para os que tinham necessidades educativas especiais é o início para que compreendamos que todos têm direito à educação. Essa educação, não abarca a compreensão de uma educação inclusiva; mas abre as discussões da possibilidade de uma educação para aqueles que são excluídos da sociedade.

Podemos dizer que o marco inicial da legalidade de uma educação para todos, está na Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Artigo 26,1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, está baseada no mérito. (ONU, 1948)

Através da Declaração Universal dos Direitos Humanos, é estabelecido internacionalmente que as nações devem garantir o direito à instrução aos seus cidadãos. Para que isso aconteça, é necessário que sejam oportunizadas condições de acesso à educação. A utilização do termo acessível a todos, pressupõe que ninguém deverá ser privado do seu direito à instrução. É a partir desse artigo, que se inicia a discussão de como oferecer uma educação que não seja acessível apenas a uma parcela da população.

No Brasil, esse artigo está inserido na Constituição Federal de 1988 através dos art. 6 e art. 205, na qual o primeiro traz a educação como direito social e o segundo a educação como direito de todos e dever do Estado.

Essa concepção da educação como “direito universal” indispensável à “a cidadania” cresceu nas décadas de cinquenta e sessenta, durante as quais ocorreram inúmeras conferências para discutir a ampliação da educação: Bombaim (1952), Cairo (1954), Lima (1956), Karashi (1960), Adis Abeba(1961), Santiago (1962) e Trípoli (1966). Tais conferências definiram metas para que todas as crianças em idade escolar estivessem matriculadas na escola primária até a década de oitenta. (PLETSCH, 2014, p. 40)

Durante esse período, os países da América Latina investiram na educação, buscando melhorar os índices de desenvolvimento e de desigualdade da população. Porém com a crise econômica na década de oitenta, esse avanço foi interrompido e houve uma redução nesse investimento (PLETSCH, 2014). Essa década foi considerada perdida, onde os níveis de desigualdade aumentaram. Em contraposição, houve um ganho de força do discurso neoliberal em prol das políticas de privatização e ajuste fiscal.

Esse era o contexto político e econômico, quando aconteceu a *Conferência Mundial sobre Educação para Todos* em Jomtien, Tailândia, em 1990, que estabeleceu o termo *Educação para Todos* através da *Declaração Mundial sobre Educação para Todos*. Esse documento:

Serviu de marco para o delineamento e a execução de políticas educativas no mundo inteiro, e consolidou-se como um conceito presente nas agendas dos diferentes governos para a garantia de acesso e permanência na Educação Básica, por meio da satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de crianças, jovens e adultos oriundos de diferentes grupos e culturas (MATISKEI, 2004, p. 191).

A partir dessa declaração foram determinados planos, ações e metas a serem desenvolvidos pelas nações para realmente garantir o direito à instrução como um direito de todos. Os preceitos da declaração final, intitulada *Educação para Todos*, desde então vem influenciando a política de educação inclusiva no Brasil; como parte do que deveria ser uma política de *inclusão social* (PLETSCH, 2014, p. 41). Em síntese, são preceitos trazidos por essa declaração:

- a) Universalizar o acesso à educação aos grupos historicamente excluídos, como pobres, as minorias étnicas, as mulheres e as pessoas com deficiência;
- b) Promover as necessidades Básicas de aprendizagem;
- c) Promover a equidade, considerando a qualidade do ensino;
- d) Priorizar a qualidade, garantindo a aprendizagem efetiva;
- e) Ampliar os meios e raio de ação da Educação Básica, nesse caso incluindo a esfera familiar e os diversos sistemas disponíveis;
- f) Fortalecer alianças que possam contribuir significativamente para o planejamento, implementação, administração e avaliação dos programas de Educação Básica. (WCEFA, 1990)

Em decorrência desses princípios, essa declaração é considerada como um documento humanístico e progressista, uma vez que propõe a universalização da Educação Básica como um direito, cuja satisfação requer novas formas de acesso, flexibilização curricular, entre outras medidas (PLETSCH, 2014).

Outros documentos e propostas que se seguiram, tiveram como objetivo enfatizar a discussão de uma educação inclusiva. Eles seguiram um delineamento de educação baseada na política neoliberalista: na igualdade de oportunidade, em detrimento de uma igualdade de condições. A partir dessa política, surgiu uma visão de educação pragmática de qualidade de ensino, baseada na quantidade de informações e conhecimento que o aluno é capaz de reter. Nesse contexto, as discussões sobre a educação, minaram a ordem de incentivar o ensino básico na formação de uma massa trabalhadora que tivesse o conhecimento técnico. Conhecimentos como a filosofia, cultura e a arte, foram sendo excluídos ou considerados irrelevantes perante as outras disciplinas como matemática e português, consideradas essenciais para a sociedade moderna. (PLETSCH, 2014)

Nesse caso, a inclusão foi entendida como o simples fato de o aluno estar na escola e garantir-lhe a sua permanência. Naturalizou-se o discurso da injustiça social, em que se abafa a discussão sobre a finalidade e a baixa qualidade da educação. Esse entendimento não garante a diminuição da desigualdade social, por não considerar os fatores culturais e sociais externos, que estão além do ambiente escolar e que também influenciam na aprendizagem do aluno na Educação Básica. (PLETSCH, 2014)

Nas conferências que se seguiram, as nações participantes, nas quais incluíram as mais pobres e populosas do mundo, se comprometeram que até o ano 2015, toda criança, jovem e adulto teria acesso à educação de conteúdos mínimos de aprendizagem tidos como elementares para a vida contemporânea.

Em decorrência desse compromisso, o Brasil passou a adotar reformas na sua educação; que buscou principalmente o acesso e permanência do aluno na escola. Algumas das medidas que foram instituídas são: obrigatoriedade de matrícula, idade de ingresso, duração dos níveis de ensino, os processos nacionais de avaliação do rendimento escolar, as diretrizes curriculares nacionais, as definições para escolarização dos alunos com necessidades especiais, entre outras (PLETSCH, 2014, p. 47).

Na Conferência Mundial Sobre Necessidades Educacionais Especiais: acesso e qualidade, que resultou na elaboração da *Declaração de Salamanca*, em que se instituiu oficialmente o termo inclusão escolar, foi também nesse documento que as entidades públicas oficializaram o termo inclusão escolar para se discutir o acesso das pessoas com necessidades especiais à educação. Posterior à declaração, o termo *inclusão* também serve para designar o acesso de outros grupos excluídos da sociedade à educação, promovendo uma compreensão ampla sobre a inclusão escolar, não se restringindo somente aqueles que possuem necessidades educacionais especiais.

É importante notar que no Brasil, essa declaração foi incorporada nos debates educacionais brasileiros de forma acrítica e descontextualizada. A consequência disso foi que o governo tentou fazer parecer que a proposta da inclusão escolar, seria uma proposta completamente inovadora que não havia correlação com o passado, e que seria uma nova etapa denominada *Educação para Todos*. (PLETSCH, 2014)

Esses foram alguns documentos internacionais, que elaboraram o conceito de educação inclusiva e influenciam a própria legislação brasileira. Cabe-nos conhecer quais são as legislações nacionais, que traçam as diretrizes para uma educação inclusiva; para que saibamos quais os aspectos que serão considerados ao entrarmos em contato com os professores de artes visuais.

Entre essas legislações, a primeira que retifica o início das outras legislações é a Constituição Federal/88, estabelecendo no seu artigo seis, a educação como direito social e no artigo 205 garantindo “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família”. Onde a mesma será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Nesse artigo a Constituição Federal coloca a educação como obrigação não só do Estado, mas também da família e da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, a cidadania e a qualificação para o trabalho.

Posteriormente à Constituição Federal, surgem outros instrumentos legais que demarcam um avanço na compreensão de uma educação inclusiva na legislação brasileira, ao priorizar uma educação com foco nas diferenças. Entre essas leis estão:

- *Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei nº8069/90*, reforça o acesso à escola regular, obrigando os pais e responsáveis a matricular os seus filhos na escola regular.

- *Política Nacional de Educação Especial* publicada em 1994 que condiciona o acesso às classes comuns para aqueles estudantes de necessidades educacionais especiais que tem condições de acompanhar o ritmo daqueles estudantes ditos *normais*.

Ao reafirmar os pressupostos construídos a partir de padrões homogêneos de participação e aprendizagem, a Política de 1994 não provoca uma reformulação das práticas educacionais de maneira que sejam valorizados os diferentes potenciais de aprendizagem no ensino comum, mas mantém a responsabilidade da educação desses estudantes exclusivamente no âmbito da educação especial. (MEC/SECADI, 2008, p. 3)

- *A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, Lei nº 9394/96 assegura aos estudantes currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender às suas necessidades, abrindo a possibilidade para a implementação da Educação Especial de contra turno como a complementar o ensino regular, as alterações curriculares que deverão ser feitos levando em consideração ao plano de ensino individualizado, as salas de recursos e outras mudanças nas estruturas da escola para assegurar o acesso e o ensino de qualidade para os alunos com necessidades educacionais especiais.

- *As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*, Resolução CNE/CEB nº2/2001, que assegura a matrícula do estudante com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino, e que este deve também fornecer condições necessárias para uma educação de qualidade para todos.

As Diretrizes ampliam o caráter da educação especial para realizar o atendimento educacional especializado complementar ou suplementar à escolarização, porém, ao admitir a possibilidade de substituir o ensino regular, não potencializam a adoção de uma política de educação inclusiva na rede pública de ensino, prevista no seu artigo 2º. (MEC/SECADI, 2008, p. 4)

- *Plano Nacional de Educação- PNE*, Lei 10.172/2001 preconiza a estruturação de uma escola inclusiva como um avanço para educação e que ela deve garantir o atendimento à diversidade humana. Além disso, estabelece objetivos e metas para a construção de um atendimento escolar que favoreça os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

- *Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade*, implementado pelo MEC, em 2003 com o objetivo de promover um amplo acesso pelos gestores e educadores

dos municípios ao conhecimento sobre os sistemas educacionais inclusivos para transformar o sistema de ensino em um sistema de ensino inclusivo.

- Em 2005 foi marcado pela implantação dos Núcleos de Atividade de altas Habilidades/Superdotação- NAAH/S nos estados e no Distrito federal,

São organizados centros de referência na área das altas habilidades/superdotação para o atendimento educacional especializado, para a orientação às famílias e a formação continuada dos professores, constituindo a organização da política de educação inclusiva de forma a garantir esse atendimento aos estudantes da rede pública de ensino. (MEC/SECADI, 2008, p. 5)

- Em 2007 foi o ano do lançamento do *Plano de Desenvolvimento da Educação- PDE* que veio trazer como um dos seus eixos a Agenda Social na formação dos professores para a educação especial, a implantação de salas de recursos multifuncionais, a acessibilidade arquitetônica dos prédios escolares, acesso e a permanência das pessoas com deficiência na educação superior e o monitoramento do acesso à escola dos favorecidos pelo Benefício de Prestação Continuada – BPC. (MEC/SECADI, 2008, p. 5). No mesmo ano é publicado o Decreto 6.094/2007 que normatiza o PDE trazendo as diretrizes de garantia de acesso e permanência no ensino regular e o atendimento aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/fortalecendo seu ingresso nas escolas públicas.

- O Decreto nº 6.571/2008 institui a política pública de financiamento no âmbito do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação- FUNDEB, permitindo que a escola computasse duas vezes as matrículas dos estudantes com necessidades especiais, além de implementar o Atendimento Educacional Especializado- AEE de forma complementar ou suplementar a escola e a educação especial, para apoiar a inclusão escolar (MEC/SECADI, 2008).

- Em 2010 pela Resolução CNE/ CEB nº 04/2010 reafirma a matrículas dos estudantes de necessidades especiais em escolas regulares que também deve ser o aluno matriculado em um Atendimento Educacional Especializado, para complementar ou suplementar à escolarização, podendo ser ofertado em sala de recursos multifuncionais, em centros de AEE da rede pública, instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos (MEC/SECADI, 2008).

Nos anos seguintes de 2011 a 2020, surgiram outras políticas públicas como o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência- Viver sem Limites e Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com o Transtorno do espectro autista, a fim de assegurar a esses alunos o direito ao acesso à escola regular (MEC/SECADI, 2008).

Para o governo brasileiro, a inclusão está principalmente em garantir que a criança tenha acesso ao ensino regular e também ao Atendimento Educacional Especializado em contraturno ao ensino regular.

Entendemos que a adoção do ensino em contraturno, mesmo que de forma complementar e suplementar; demonstra o despreparo do estado, da escola e dos professores em compreender a diversidade e a inclusão, uma vez que os AEE existem porque ainda é vigente o pensamento de que o aluno de necessidades especiais, precisa atingir um padrão de normalidade estabelecido pela sociedade, de modo que a educação especial ou as AEE existem para que o aluno *alcance a turma*.

Isso não quer dizer que não se possa existir a educação especial e as AEE de forma de complementar e suplementar, mas que a sua existência destas, pode estar refletindo apenas um pensamento de exclusão e não inclusão, em que o professor e a escola delegam para essas instituições a educação dessas crianças e a presença da criança com necessidade educacional especial é apenas a presença corporal, não havendo a aprendizagem ou interação na sala de aula.

Uma educação inclusiva, escola inclusiva e aula inclusiva devem abranger os alunos nas suas necessidades físicas, intelectuais e afetivas. A partir disso, o professor deve elaborar um plano de ensino em que o aluno possa ter liberdade para desenvolver suas potencialidades dentro das suas próprias limitações, de maneira participativa e colaborativa com os demais alunos na sala de aula. Sem exigir que ele encaixe num parâmetro imposto de normalidade pela sociedade.

Compreendemos que os professores podem ter uma conceituação de inclusão diferente da nossa e que esse conceito influencia diretamente no seu plano de ensino. Eles podem concordar com o nosso conceito, compartilhar com o conceito de inclusão do Governo Federal, do acesso ao direito de matrícula em ensino regular ou ter outro entendimento sobre o que seja inclusão. Por isso, também iremos investigar o que eles entendem por educação inclusiva: quais são os conceitos que eles trazem de inclusão escolar? E quais os parâmetros que eles usam para uma aula inclusiva?

Assim, poderemos traçar um diálogo da aula do professor com os conceitos de educação inclusiva no âmbito pessoal (do professor), das políticas públicas e daquilo que entendemos por inclusão.

CAPÍTULO 2- MÉTODOS E METODOLOGIAS; AFINAL, O QUE QUEREM DIZER?

As diferentes linguagens metodológicas do ensino das Artes que englobam o universo das escolas de uma forma geral alcançam fórmula equivalente entre si que corroboram para o bom andamento do ensino-aprendizagem, principalmente no que diz respeito ao ensino das Artes Visuais nas escolas. De fato, é preciso conhecer as linguagens metodológicas que impulsionam o fazer na sala de aula. Já sabemos que sua articulação dentro desse sistema de ensino não é algo peculiar, porém é preciso buscar mais a fundo como esse fazer metodológico submerge nos diferentes espaços e como os processos acontecem. Afinal, é pelas “metodologias, por esses caminhos” que, “construímos a prática daquilo que concebemos como ensino da arte” e realizamos a construção do conhecimento. (UNESP, 2012, p. 5)

Muitos são os pensadores que dissertam sobre metodologias e métodos, cada um se posiciona de maneira particular e dão significados interessantes e inerentes ao contexto das palavras. “Aqui discorremos sobre o sentido da palavra metodologia com o intuito de compreender, ou melhor, “apreender o que ela quer dizer em” toda sua complexidade semântica”. De onde vem, como se formou, e contextualizando com ela, os significados da palavra método. Deparar com as imbricações do método remete a reflexão sobre como aplicá-lo, observando que a diversas técnicas embutidas nele.

Para Lalande, o método se funde “no esforço para atingir um fim” que tem seu sentido etimológico na ideia de demanda, seguindo essa significação a ideia de método como “investigação e estudo” sendo “investigação” formada na concepção de Aristóteles, segundo ele, a definição de método então, estaria associada às ações “empenho por um objetivo, investigação e estudo”. (LALANDE apud UNESP, 2012, p. 10)

Seguindo esse pensamento, observa-se que outras concepções de método foram surgindo, concepções mais modernas as quais denominam “caminho e prescrição”. A primeira remete a uma construção de ideias ordenadas para o fim de realização mais natural, ou seja, esse “caminho” seria de tal forma organizado que ninguém se perderia nele. Assim compreende-se que sobre a sua função está imbricada os “procedimentos habituais de observação e compreensão”, e por consequência esses procedimentos estão sendo sempre investigados,

“simultaneamente à sua realização, para atestar sua eficiência, adequação e prática segura”. A segunda por sua vez, tem como definição uma regulamentação prévia de uma sequência de ações, ou seja, tudo feito de forma que as ações delineadas alcancem o fim planejado. Nesse sentido, além de um “processo técnico” nas variações do termo, método segundo Lalande, diz-se num sentido mais próximo de nós como “uma concepção de um plano a seguir” (LALANDE apud UNESP, 2012, p. 10).

Seguindo o roteiro sobre as concepções de método, na antiguidade clássica era empregado no sentido de “investigação e doutrina”, ou ainda sem fugir à regra, uma “orientação de pesquisa”, que não está desligada de forma alguma do conceito de doutrina e investigação, o que implica no final como coloca Abbagnano (2003), ser o método uma “técnica particular de pesquisa”, ou ainda um “procedimento de investigação organizado”. Sendo, porém, observado que o termo contemporâneo mais usado é o de “técnica particular de pesquisa”. (ABBAGNANO apud UNESP, 2003, p. 11).

No pensamento de Descartes sobre método, o mesmo parte de uma constância de erros e acertos para chegar ao objetivo final, ele fala da construção do “caminho” a partir do pensamento. “Penso logo existo”, nessa realidade, seu discurso vem baseado na certeza de que o chegar a ser só é possível a partir do se construir sob o pensar. Essas concepções levam a busca da razão para se ter um conhecimento. Sobre essa colocação fica subentendido que há “supremacia da razão em um processo de conhecimento” um “discernimento da verdade”. Segundo Descartes nessa determinação “há que se ter um caminho preciso”. Não “grandes caminhos que dão voltas entre montanhas e vão aos poucos se tornando planos e cômodos de tanto serem frequentados”, mas uma direção a seguir (DESCARTES, 2005, p. 50).

Se para Descartes o pensamento sobre o método era o de caminho meio elaborado pelas dúvidas, sendo construído a partir de pensamentos precisos, um “fio método condutor”, para Matos(1999), essa técnica antes pensada como labirinto não se configura na verdade, podendo se perder da realidade. Benjamin por sua vez contrapõe as ideias anteriores e coloca que o método se configura em pensamento como uma relação “sujeito e mundo sensível e sujeito e objeto.” (MATOS, 1999, p. 39; BENJAMIN, 2004,s/p). Logo, Freire, ancorado na reunião de sujeitos e mundo, discorre que a dimensão do “pensar certo” não é passiva de erros, pois dado

pensamento influi na construção de mundo onde se ensina e aprende, sendo assim, sua construção de “método é algo inerente à prática”. Para Freire, nesse movimento dinâmico o método é:

- entendido como investigação sobre ações e relações implicadas na prática, incluindo a do professor com seu ofício, o conhecimento, - “quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica”- resultando, pois, de uma “operação afetiva” (FREIRE, 2010, p. 39)

No tocante ao método, temos na literatura vários conceitos não fixos que se apresentam numa análise conceitual mutável. Outras colocações em que os métodos ou metodologias ficam subentendidos como “caminhos de investigação” a ação metodológica, técnica de estudo. Sobre isso, Candido, (2000) discorre que método é “caminho”, metodologia é “investigação” e ambas apesar do sentido duplo têm funções próprias. (CANDIDO, 2000 p 182)

As concepções sobre abordagens metodológicas se aplicam no sentido de que metodologia é a relação entre a teoria e a prática. É importante ter em mente que as metodologias foram criadas como uma receita para alcançar uma “meta” em diferentes contextos. Nesse sentido, "metodologia pode ser considerada como o método em ação", onde os “princípios do método estarão sendo mencionados na realidade da prática educacional”. Quanto a isso (FUSARI,1988), discorre citando ela mesma, para que a metodologia cumpra o objetivo de ampliação precisa.

da consciência é fundamental que ela tenha uma origem nos conteúdos de ensino; considere as condições objetivas de vida e trabalho dos alunos e professores; utilize competentemente diferentes técnicas para ensinar e aprender os conteúdos. (FUSARI, 1988: 18-19 Apud FERRAZ; FUSARI, 2001, p. 101).

E na relação teoria e prática no ensino das artes, por exemplo, se configura, a relação se funda nos estudos teóricos dos subsídios sobre as artes e na prática, do “fazer artístico”. As abordagens metodológicas exprimem caminhos que precisam ser observados. Enquanto caminhos, os mesmos conduzem a prática do desenvolvimento em técnica e a experiência.

De fato, se mergulhamos no sentido de uma estrutura metodológica com conteúdo e experiência, perceberemos que elas só somarão se forem acrescentados a elas, elementos que vão fazer diferença no processo do ensino das artes. A sistematização do “método e metodologias” é na verdade um impulsionador das nossas ações que dá um alento e segurança diante da realidade educativa. A saber,

no contexto do livro *Formação Docente método e metodologias* são indissociáveis da arte, ambas as palavras formam um conjunto estrutural de acordo com as realidades de trabalho tanto para os professores como para os alunos. Então subtende que todo processo de ensinar e aprender arte faz-se de um único conhecimento. (UNESP, 2012, p. 9)

Por outro lado, se entendermos o método como planejamento, ele assim será visto como uma ascensão moderna de metodologias que vai fundir na concepção de seguimento. “Em relação às concepções de ensino da arte de um certo tempo e lugar”. (UNESP, 2012, p. 27) no mesmo subsídio essa ação descreve que

A metodologia é transformada na medida da transformação de suas partes, alteradas, pois, suscetíveis às interferências de uma relação tempo-espaço, [...], portanto, a outras ideias e práticas criadas e acumuladas ao longo do tempo em relação a diversos espaços. (UNESP, 2012, p. 27)

As abordagens metodológicas exprimem caminhos que precisam ser observados. Enquanto caminhos, os mesmos conduzem a prática do desenvolvimento em técnica e experiência do pensar e do fazer. Falando em experiência, vamos conferir a nota que ao citar John Dewey, referindo sobre sua filosofia de ensino, ele fala da experiência na educação. Segundo ele, “a verdadeira experiência educativa envolve acima de tudo continuidade e interação entre quem se aprende e o que é aprendido”. Assim podemos refletir no conceito de experiência pessoal e educação como afirma Dewey, “há uma conexão orgânica entre ambas”. (DEWEY, 1971, p. 20)

Para Dewey, a qualidade da experiência é de suma importância para que, pois se construa um saber focado no desenvolvimento. Assim, sintetizando no ensino das artes falando do ensino Aprendizagem “uma teoria coerente de experiência e capaz de dar uma direção positiva para a seleção de organização de métodos e materiais apropriados a educação”, aqui focamos na arte de fazer uma experiência metodológica no ensino das artes, compreendendo que toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subsequentes. (DEWEY, 1971, p. 27).

Em Arte como experiência, “toda pessoa realiza arte quando tem uma experiência singular dotada de característica estética” afirma Dewey (2010). Assim ele define “arte como experiência e como forma de linguagem, a situando no âmbito

das práticas sociais”. Ele discorre que “as dimensões intelectual, emocional e prática do ser humano são unificadas nas experiências dotadas de qualidades artísticas”. (DEWEY 2010 P. 216).

As contribuições de Dewey, como filosofia de ensino, são articuladas no sentido de nortear o fazer, ou seja, traçar um caminho. Ao citar o autor, Valeria Fabiane e Lucas Costa, colocam que na visão de Dewey, “experiência e ação andam” juntas, e que o fazer artístico como processo de aprendizagem se dá nas “vivências das diversidades”, “enquanto processos de resolução de problemas”. O que confirma essa afirmação é a fala de Dewey, que segundo ele, a arte “constitui uma experiência que entrecruza pensamento e sentimento, o primeiro para nortear a ação, o segundo para identificar as consumações visadas pela ação” (DEWEY, 2010, p. 11). O que Ana Mae vai colocar logo em seguida, a partir da Abordagem Triangular como proposta metodológica do fazer artístico.

As contribuições de Ana Mae, a partir da Abordagem Triangular, são significativas. Esta abordagem metodológica é bem contextualizada no observar, fazer um estudo da obra de arte, fazer um paralelo entre o observador e o observado para somente a partir daí produzir. Portanto vemos na abordagem de Ana Mae, uma experiência diferente no ensino das Artes. Assim sua proposta “é a arte como conhecimento”. Coutinho coloca que segundo Ana Mae, ao “ter” a arte como conhecimento, possibilita um estudo cheio de possibilidades e que isso ajuda a desenvolver a criatividade. Porém fica claro que “nem toda criança” ou indivíduo que observa é capaz de ser produtor ou produtora de arte, mas isso não impede de ser num contexto geral um observador eficaz, ou vice-versa. De acordo com essas abordagens fica claro que para serem produtores

“é necessário que aprendam, pela contemplação, que o objeto de Arte age sobre quem o observa, organizando sentimentos e idéias e permitindo que o processo de interpretar imagens mobilize o potencial criativo, da mesma maneira que o processo de produzi-las”. (BARBOSA, 1975, p.113 Apud COUTINHO 2018, S/P)

Assim a Abordagem Triangular conforma “uma mudança de rumo” sistemática. O estudo da arte se configura nas “experiências vividas” numa perspectiva “política, entre a leitura da obra de arte e o fazer”. O que implica num estudo sistemático da dialética entre os modos de ensino e aprendizagem da arte. (BARBOSA e CUNHA,

2010, p. 87) Deste modo, vê-se a Abordagem Triangular como “superação do modelo tradicional de ensino em arte, na medida em que ela propõe a emancipação dos sujeitos sociais pelo processo arte/educativo”. (BARBOSA e CUNHA, 2010, p. 88)

A desconstrução para reconstruir é o que aponta Manoel de Barros, para ele a escola já não suporta mais ficar presa a horários e métodos arcaicos enquanto o mundo precisa ser desbravado. “vivemos um cotidiano tensionado entre dois mundos, o abstrato da tradicional conformação escolar, o nosso como professores e o de nossos alunos. Há, segundo ele, muitos desvios, completamente avesso a uma ordem ideal”. Se continuar assim permanece a instabilidade, e a proposta é que façamos um enfrentamento com sabedoria e precisão, para ser com mais afinco e responsabilidade, promotores de um ensino voltados para responder de forma coerente os anseios do ensino das artes na escola sabendo que exige novos caminhos um redimensionar e construir pontes (UNESP, 2012, p. 21).

2.1 Metodologia no Ensino das Artes Visuais no Contexto de Inclusão

E no ensino das Artes Visuais no contexto de inclusão, como serão aplicadas essas abordagens metodológicas? Já sabemos que sobre o ensino e aprendizagem das artes há uma linha que foca os diferentes métodos que devem ser percorridos para um objetivo. Também nos apropriamos do conhecimento sobre a metodologia como ciência que estuda os métodos, em outras palavras “a arte de conduzir a própria razão do conhecimento das coisas”, Mendes p.62) buscar sentido no instruir e provocar conhecimento ao outro, para então atravessar essa ponte para o lado que iremos conhecer as abordagens metodológicas usadas que pressupõe uma sistematização, consciência e comando sobre o processo de ensino aprendizagem nas diversas áreas da educação, no ensino das artes em geral, especificamente neste caso, o ensino da arte na inclusão.

De acordo com a resolução nº 2 de 11 de fevereiro de 2001, Conselho Nacional de Educação,(CNE), *Livro-Artes Visuais na Educação Inclusiva*, de Rodrigo Mendes, p.48 “as escolas públicas tem por obrigação atender toda e qualquer criança inclusive as portadoras de algum tipo de deficiência, o que alguma forma gerou novos modelos na estrutura de ensino já existente” percebeu-se aí, nessa estrutura, uma necessidade de mudança, por primeiro a falta de equipamentos e equipes preparadas para tal e a conclusão que para alcançar realização numa educação de

qualidade nos contextos inclusos, precisaria alçar voos com objetivos mais precisos, para responder sobre as relações entre arte e educação inclusiva. (MENDES, GITAHY; CAVALEIRO, 2010, p. 48/49). Para descrever essa relação é só colocar como as diversas linhas de pensamento pontua no que se refere a educação no contexto arte, logo ela

Como uma área imprescindível para qualquer proposta pedagógica de qualidade [...] favorece a criação de marcas pessoais de cada aluno em seu processo de aprendizagem, [...] “carrega um grande de contribuição para o aprofundamento das reflexões sobre o que seria educação inclusiva, [...] ressignificar os padrões, a desconstrução de verdades consideradas absolutas”. (MENDES, GITAHY;CAVALEIRO, 2010, p. 49).

Nos últimos tempos, os pontos que submergem sobre a inclusão refletem a urgência de um repensar o papel da educação diante das grandes transformações sociais no contexto educacional. A saber, durante muito tempo, se pensou numa educação inclusiva segregada nas escolas especiais, agora o contexto é outro, o que antes pensava-se apropriado para o aprendizado dos alunos com deficiência, agora não mais, em igualdade de direitos, a rede pública educacional sugere um novo caminho, onde as pessoas são iguais nos direitos de aprendizagem, podendo ser diferentes em suas limitações.

Pensando neste ajuste de igualdade, implica também pensar no papel dos educadores, quanto aos coadjuvantes participativos na promoção do saber de seus alunos, quando os reconhecem construtores de seus conhecimentos, saber deliberar, identificar e respeitar a autoria das aprendizagens singulares do seu aluno.

É inevitável o surgimento das indagações sobre as práticas pedagógicas, que promovem uma reestruturação educacional para que ocorra uma melhor forma de incluir, pensando no aprendizado do aluno e como ele, aluno do contexto de inclusão pode se sentir acolhido. Primeiro vamos refletir sobre a “justificativa educacional”, onde a escola segundo a exigência de caráter inclusivo, precisa se atentar numa pedagogia de ensino que alcance e responda todas as diferenças subjetivas e chega à todas as crianças como propõe um estudo feito pela UNESCO, (2009). O mesmo estudo reflete sobre o caráter social que “escolas inclusivas são capazes de modificar as atitudes em relação à diversidade, educando as crianças juntas formando a base de uma sociedade justa e não discriminatória”. (UNESCO, 2009, p. 10). E importante uma política educacional que contemple a todos sem discriminação, compreenda e seja empática.

No sentido unidimensional do pensamento sobre a inclusão e o ensino da arte, a proposta é que em arte, se tenha uma abertura na compreensão de uma metodologia de ensino que agrega aulas práticas uma “sistematização mais abrangente”, como coloca Mendes, “condizente com a educação que agrega valores aos processos de aprendizagem”. (MENDES, GITAHY ; CAVALEIRO, 2010, p. 59). O ensino de arte integra o currículo das escolas regulares e, assim, também está sujeito aos desafios e às exigências da nova proposta educacional em contexto de inclusão.

Ao analisar aprendizagem, subjetividade e deficiência relacionados à proposta educacional, muitas teorias sobre aprendizagem buscam explicá-las por meios de pressupostos que buscam uma total abrangência apesar da diversidade, como coloca (ANACHE, 2011). Nesse princípio, o foco é entendido como apropriação que compreende a aprendizagem “deliberada”, capaz de dar respostas, intencional com múltiplas dimensões relacional, e subjetiva, sabendo que na escola essas dimensões são altamente significativas. Como coloca (RAPOSO e MARTINEZ, 2011, P.246), no livro Possibilidades de Aprendizagem. Fazendo uma análise sobre o que Vigotski aloca a respeito do que é “central sobre o processo de desenvolvimento”, elas colocam que “a dimensão social da aprendizagem expressa nos mais variados processos desenvolvidos na escola”. Segundo elas, na perspectiva histórica cultural, a aprendizagem é compreendida como subjetividade humana, a mesma é salientada por González Rey, (2006), como dimensão subjetiva da aprendizagem escolar que tem

Uma dimensão subjetiva envolvida com a ação singular do sujeito que aprende, na qual participam, em forma de sentidos subjetivos, recortes de vida que representam as formas em que essa vida se configurou na dimensão subjetiva de cada pessoa. (GONZÁLEZ REY, 2006,P.30)

Discorrendo sobre o que é subjetivo, toda criança incluindo o aluno com deficiência, como colocado acima, é capaz de observar, fazer uma ligação contextual e produzir a partir da observação tendo em mente a proposta de Ana Mae, quanto “ter” a arte como conhecimento, assim o tripé composto pela Abordagem Triangular, Apreciar-Contextualizar-Praticar e vivenciado na prática.

Falando em valores, dimensões educativas, subjetividade e as novas propostas educacionais, buscamos compreender o quanto essas ações são

importantes para os processos educativos. Aqui, concerne falar sobre ensino da arte e a deficiência e como ela agrega valores importantes. Para isso, observamos os caminhos apontados por Ana Mae na sua abordagem metodológica sobre o ensino de artes, Abordagem Triangular, por exemplo, ela coloca o aluno em contato com a obra de arte num processo de alfabetização visual, ao “anunciar a importância dessa abordagem metodológica como apreciação artística”. Segundo ela, essa “metodologia provoca inquietações”, pois ela exige uma “concepção de ensino de arte como atividade e por outro lado uma articulação mais plena entre teoria e prática, e a busca de uma visão interdisciplinar da construção do conhecimento”. (BARBOSA, S/D,p.91).

Nas escolas a educação de arte necessita estar pautada na ideia de oferecer aos alunos um ensino que dê a oportunidade de expor seus pensamentos e sentimentos por meio das artes. Para o “fazer artístico”, se esse título estiver de acordo, é preciso “aliar investigação objetiva da técnica com a subjetiva da expressividade”, como coloca Mendes, isso possibilita a invenção e as descobertas, que tornam essas experiências fundamentais na construção de um repertório de procedimentos sensíveis. (MENDES, GITAHY e CAVALEIRO, 2010, p. 62). Sobre essa proposta, escreve Pareyson,

A arte não é somente executar, produzir, realizar, e o simples ‘fazer não basta para definir sua essência. A arte é também invenção. Ela e execução de qualquer coisa já ideada realização de um projeto produção segundo regras dadas ou predispostas. Ela tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer. (PAREYSON apud MENDES, GITAHY e CAVALEIRO, 2010, p. 62)

Mendes ainda discorre que, sobre essa temática, a investigação é de suma importância, e ela se dá por meio de exploração de recursos técnicos, materiais e cabe ao professor artista, cuidar para que ela seja realizada.

Porém outro fator surge como contratempo no ensino metodológico da arte no contexto de inclusão, sobre isso (REILY apud FERRACIOLI e VITALIANO, 2017), Arte/Inclusão, não são trabalhados nos cursos de licenciatura em Arte, o que dificulta referenciais teóricos sobre o assunto. Segundo ela, a articulação do ensino neste contexto, daria oportunidade aos professores de melhores oportunidades para trabalhar, buscando possibilidades de sanar as limitações de um ensino de arte inclusivo nas escolas. Do contrário, caso o arte-educador não tenha contato com o

conhecimento teórico produzido, “[...] ele vai trazer para a sua prática o senso comum e, provavelmente, também os estereótipos sobre o deficiente que circulam na sociedade.” (REILY apud FERRACIOLI e VITALIANO, 2017, p. 9)

Assim discorremos que as ações educativas consideram que o ato criador é inerente a qualquer ser humano. As “visualidades”, ou melhor, as imagens que provocam e despertam o aluno fazendo com ele crie um novo repertório estão possibilitando, assim, que as probabilidades de aprendizagem cresçam. Todavia, vale destacar que em virtude dos inúmeros desafios para a inclusão de pessoas com deficiência, essas imagens não os alcançam em sala, ficando assim presos ao colorir um desenho qualquer, tornando difícil, o processo acontecer. Todavia, há possibilidades de reversão tendo como suporte a ideia de um mundo imagético e que os professores possam acessar e expor como referência. Por outro lado, temos as que “recebemos muitas imagens de fora pra dentro”. Como diz Selma Maria, uma das colaboradoras do Instituto Rodrigo Mendes, a pergunta é: o que faremos para equilibrar essas imagens que nos vem com as que formamos dentro de nós para que se crie mais imagens? (SELMA MARIA ,2010, MENDES ,p.128).

Outra colocação, é que o professor, precisa sempre ter um planejamento de suas ações metodológicas para trabalhar com o aluno em contextos de inclusão. Visando assim “ampliar possibilidades e diminuir os equívocos quanto ao ensino de arte”. Sabe-se que embora haja muitas divergências quanto ao ensino de arte no contexto da inclusão, há “uma cobrança implícita” para que as escolas alcancem e mantenham o resultado esperado. Todavia, para que isso aconteça, os profissionais das áreas da Arte-Educação e da Educação em Contextos Inclusivos, precisam construir alianças em defesa de seus interesses quanto aos recursos à educação básica (HOURIGAN apud FERRACIOLI e VITALIANO, 2017, p. 8). Pensando no mecanismo essencial dos processos educativos reconstrutivos que ocorre através dos estímulos, e acreditando que o desenvolvimento da criança com deficiência é um processo complexo dados a tantos fatores inclusive pela “desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, é que buscamos respostas sobre como os professores de Artes Visuais trabalham atualmente com os alunos de contextos inclusivos.

2.3- Referenciais Teóricos: autores que trazem filosofia de ensino nas artes visuais e como podem ser pensadas abordagens metodológicas a partir deles.

No senso comum educar é garantir a conservação dos costumes e hábitos necessários para a subsistência humana. No uso popular do termo *criar* uma criança, esse conceito se fortalece, pois entende que educação seria apenas garantir que ela possa sobreviver por si só (COLA, 2018).

Ao olhar para o ser humano vemos que a sua relação com o mundo vai além da sobrevivência. O ser humano é capaz de formar laços afetivos, atribuir significados aos fatos da vida e de criar, inventar formas de ver e sentir o mundo. Nesse sentido vemos que a questão do que é necessário para o ser humano se expandir, vai além das necessidades básicas de se alimentar, de moradia, de higiene básica, etc. Por isso que a educação de uma criança não se pode limitar a mera questão de lhe garantir a sobrevivência por si só.

A educação deve “desenvolver na criança suas capacidades intelectuais: e seu entendimento crítico sobre os problemas pelos quais a sociedade está passando, para contribuir na construção de uma sociedade mais justa (...) devem ser consideradas as potencialidades dos indivíduos, posto que o mundo é uma representação que cada pessoa, como sujeito, traz” (COLA, 2018, p. 3).

Nosso entendimento de educação se relaciona com a filosofia de ensino de John Dewey sobre experiência educativa. Antes de falarmos sobre a experiência educativa, primeiramente, vamos compreender o que seja uma experiência para Dewey.

Teixeira ao conceituar a experiência a partir da análise da teoria de Dewey pontua:

A experiência é esse processo pelo qual um corpo age sobre outro corpo e dele sofre uma reação. Dewey parte de um conceito amplo de experiência, considerando não apenas os atributos puramente racionais. O que caracteriza a experiência nessa abordagem é a sua dinamicidade, que se realiza de dois modos: ela é ativa quando age sobre algo e sua ação produz consequências; ela é passiva quando sofre ou passa por alguma coisa e recebe as consequências de sua ação. O processo implica a qualidade da ação, de maneira que não existe nem pura atividade nem pura passividade: a experiência envolve simultaneamente esses dois processos. (TEIXEIRA, 2018, p. 87)

Nesse sentido podemos ver que a experiência é o agir e o sofrer de outro corpo a partir de uma reação. É capaz de movimentar os corpos, de se produzir

uma ação ou de se passar por alguma coisa, o mais importante é que ela modifica e transforma.

No plano humano, o agir e reagir ganham mais larga amplitude, chegando não só à escolha, à preferência, à seleção, possíveis no plano puramente biológico, como ainda à reflexão, ao conhecimento e à reconstrução da experiência. Experiência não é, portanto, alguma coisa que se oponha à natureza, pela qual se *experimenta*, ou se prove a natureza. Experiência é uma fase da natureza, é uma forma de interação, pela qual os dois elementos que nela entram – situação e agente – são modificados. (WESTBROOK e TEIXEIRA, 2010, p. 34)

Quando o ser humano age ou sofre uma ação, devido a sua relação com o meio social ele está sobre a ação de uma experiência. A experiência educativa é aquela que é capaz de alargar os conhecimentos da criança, irão produzir novos saberes e novas soluções para os desafios humanos. O movimento da experiência educativa está no agir e no reagir do pensamento, na construção de novos valores, a partir da compreensão da experiência pela reflexão.

A experiência educativa é, pois, essa experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se vêm a perceber relações e continuidades antes não percebidas. Todas as vezes que a experiência for assim reflexiva, isto é, que atentarmos no antes e no depois do seu processo, a aquisição de novos conhecimentos mais extensos do que antes será um dos seus resultados naturais.

A experiência alarga, deste modo, os conhecimentos, enriquece o nosso espírito e dá, dia a dia, significação mais profunda à vida. E é nisso que consiste a educação. Educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem (WESTBROOK e TEIXEIRA, 2010, p. 37).

Nesse sentido, a educação de uma criança deve se fundamentar em movimentar o pensamento, para que a criança possa construir novas formas de se ver e pensar o mundo, compreender a profundidade da vida, não somente no sentido de sobrevivência, que seria o fisiológico, mas também no sentido humano, espiritual e em atribuir a vida ressignificações, signos e símbolos.

Por isso, educação é a contínua reorganização e reconstrução da experiência pela reflexão que tem por fim imediato melhorar pela inteligência a qualidade da experiência (WESTBROOK e TEIXEIRA, 2010).

A educação entendida como um ato inteligente para melhorar a qualidade da experiência não é oferecida somente na escola. Ela pode acontecer em qualquer

momento da criança perante um brincar ou atividade que lhe pede reflexão e o desenvolvimento de novas formas de perceber o mundo.

Esse trabalho tem o intuito de investigar as práticas escolares, nas abordagens metodológicas inclusivas de ensino em artes visuais na sala de aula, para isso precisamos entender qual seria o papel da escola dentro do conceito Deweyano.

Não há, pois, nenhum meio direto de controlar ou governar a educação que a geração infantil recebe, salvo o de preparar o ambiente em que a criança age, pensa e sente. Não se educa diretamente, mas indiretamente pelo meio social. Temos, porventura, a possibilidade de agir sobre o meio, de modificá-lo, de alterá-lo, de organizá-lo intencionalmente para tal ou tal efeito educativo? – Todos os pais inteligentes dirão que sim. Muitos deles estão constantemente interessados em dar ao meio familiar uma feição educativa e benéfica, pela qual os filhos possam vir a ser, possivelmente, melhores do que eles. As escolas, por sua vez, são também meios organizados intencionalmente para o fim expresso de influir moral e mentalmente sobre os seus membros. É, pois, na preparação desse *meio especial* de educação – a escola – que podemos e devemos dispor das condições pelas quais a criança venha a crescer em saber, em força e felicidade. (WESTBROOK e TEIXEIRA, 2010, p. 46)

Nesse trecho Westbrook e Teixeira ao falar sobre a escola no processo educacional dentro do conceito de educação de Dewey nos remete que a escola tem a possibilidade de educar a criança indiretamente pelo meio social que ela pode proporcionar. Ela pode modificar, alterar, organizar intencionalmente para o objetivo educacional que pode proporcionar. Por ser um lugar de relacionamentos, ela apresenta inúmeras possibilidades de oferecer à criança a experiência educativa intencional.

As escolas passam a constituir um mundo dentro do mundo, uma sociedade dentro da sociedade (WESTBROOK e TEIXEIRA, 2010, p. 42). Quanto mais diversidade de indivíduos dentro da escola, maiores serão as possibilidades de se oferecer uma experiência educativa para a criança.

Ana Mae Barbosa em seu texto A Importância da Imagem no Ensino da Arte também coloca a escola como uma ,

“instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação”. Isso não só é desejável mas essencialmente civilizatório, porque o prazer da arte é a principal fonte de continuidade histórica, orgulho e senso de unidade para uma cidade ou nação”. (BARBOSA, 2014, p. 34)

O acesso a arte a esses estudantes provenientes das escolas públicas possibilitará a eles construir uma consciência de identidade nacional.

“A escola seria lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e a formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos.” (BARBOSA, 2014, p. 34)

Estabelecido o conceito de educação e o papel da escola em oferecer uma experiência educativa intencional, agora devemos perguntar qual seria a experiência educativa oferecida pela escola em uma aula de artes visuais inclusiva?

A aproximação, de trocas de símbolos e ressignificação que a arte pode contribuir com a inclusão de alunos que são socialmente excluídos pela sociedade. Porque ao aproximar da forma individual de cada um de enxergar o mundo e de representar o mundo estamos nos colocando na posição de compreender o outro, não somente de proporcionar um ensino para que ele *alcance a turma* num padrão de comportamento previamente imposto pela sociedade dominante vigente.

Dewey traz uma compreensão da arte como experiência estética. A estética está ligada à percepção do mundo, valores culturais, sociais, na busca pelo prazer e está diretamente ligada ao processo criativo, é uma forma de buscar soluções não somente práticas, mas também que sejam agradáveis e que tragam maior prazer.

A experiência estética deve ser oferecida num ensino de arte/educação. Não é somente proporcionar o desenvolvimento físico-intelectual de uma criança, mas também proporcionar condições para que ela seja consciente das suas percepções de mundo e como o outro também vê o mundo. Proporcionar à criança um olhar crítico sobre as situações que ela passa durante o seu dia, considerando a sua forma de sentir as relações e a forma como o outro também a sente. Isso somente a arte pode oferecer à criança.

O artista, comparado a seus semelhantes, é alguém não apenas especialmente dotado de poderes de execução, mas também de uma sensibilidade inusitada às qualidades das coisas. Essa sensibilidade também orienta seus atos e criações. Ao manipularmos, tocamos e sentimos; ao olharmos vemos. Ao escutarmos, ouvimos. A mão se move com a agulha usada para gravar ou com o pincel. O olho acompanha e relata a consequência daquilo que é feito. Graças a essa ligação íntima, o fazer posterior é cumulativo, e não uma questão de capricho nem de rotina. Em uma enfática experiência artístico-estética, a relação é tão estreita que controla ao mesmo tempo o fazer e a percepção, Essa intimidade vital da ligação não pode ser alcançada quando apenas a mão e os olhos estão implicados, Quando ambos agem como órgãos do ser total, existe apenas uma sequência mecânica de senso e movimento, como em um andar automático. A mão e o olho, quando a experiência é estética, são apenas instrumentos pelos quais opera toda a criatura viva, impulsionada e atuante durante todo o tempo. Portanto, a expressão é emocional e guiada por um propósito. (DEWEY, 2010, p. 130)

Construir essa sensibilidade na criança em que Dewey descreve que faz parte do artista que deve ser priorizado no ensino de artes visuais e que pode oferecer inclusão em uma sala de aula. Já que o foco não é o resultado em si, mas as construções, os processos e os meios utilizados que deram possibilidade para se construir aquele trabalho.

Dewey utiliza de uma analogia da pedra descendo o morro para explicar a experiência estética:

Se imaginarmos que a pedra que rola morro abaixo tem uma experiência. Com certeza, trata-se de uma atividade suficientemente “prática” A pedra parte de algum lugar, e se move, com a consistência permitida pelas circunstâncias, para um lugar e para um estado em que ficará de repouso – em direção a um fim. Acrescentamos a esses dados externos, à guisa de imaginação, a ideia de que a pedra anseia pelo resultado final; de que se interessa pelas coisas que encontra no caminho, pelas condições que aceleram e retardam seu avanço, com respeito à influência delas no final; de que age e se sente em relação a elas conforme a função de obstáculo ou auxílio que lhes atribui; e de que a chegada final ao repouso se relaciona com tudo o que veio antes, como culminação de um movimento contínuo. Nesse caso, a pedra teria uma experiência, e uma experiência com qualidade estética.

Se passarmos desse caso imaginário para nossa própria experiência, veremos que grande parte dele é mais próxima do que acontece com a pedra real do que qualquer coisa que cumpra as condições que a fantasia acabou de ditar. Isso porque, em muito de nossa experiência, não nos interessamos pela ligação de um incidente com o que veio antes e o que vem depois. Não há um interesse que controle a rejeição ou a seleção atenta do que será organizado na experiência em evolução. As coisas acontecem, mas não são definitivamente incluídas nem decisivamente excluídas; vagamos com a correnteza. Cedemos de acordo com a pressão externa ou fugimos e temporizamos. Há começos e cessações, mas não inícios e conclusões autênticas. Uma coisa substitui outra, mas não inícios e conclusões autênticas. Uma coisa substitui outra, mas não a absorve nem a leva adiante. Há experiência, porém ela é tão frouxa e discursiva que não é uma experiência singular. É desnecessário dizer que tais experiências são inestéticas. (DEWEY, 2010, p. 115-116)

A experiência estética está ligada à qualidade da experiência. A criança visa um resultado final, que virá através de um processo de construção da experiência. Ela interessa não somente ao resultado final, também com a forma que age e sente em relação aos obstáculos produzidos pela experiência. O resultado final de seu trabalho é decorrente de todo processo vivido através da experiência. Nesse sentido teremos uma experiência estética.

O ensino da arte se torna essencial a criança quando compreendemos que o ser humano também é um ser criativo e inventivo, que há infinitas formas de ver e sentir o mundo. E cada uma delas é peculiar de quem as criou. A arte é uma das

possibilidades para que esse mundo individual e diferente de cada ser se expresse e possa dialogar com outros mundos dando possibilidade de expansão aos laços afetivos. E continua sendo essencial quando vemos a que a “arte ultrapassa o fazer, propondo também conhecimento, análise crítica e contextualização da arte” (COLA, 2018, p. 3)

CAPÍTULO 3- AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS INCLUSIVAS DE ENSINO DE ARTES VISUAIS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES.

3.1- As entrevistas: um caminho de diversidades e adversidades

Foram feitas entrevistas com duas professoras. A primeira era do ensino infantil nos primeiros anos. A sua formação é Licenciatura em Artes Visuais, atualmente trabalha com criança nos seus anos iniciais, na creche infantil no município de Mineiros. Por isso, ela exerce não somente a professora de artes como também ensina outras matérias de um currículo escolar.

A segunda professora também com formação em Licenciatura em Artes Visuais trabalha com crianças de todo o percurso infantil, e exclusivamente com aulas de artes.

Dividimos a nossa entrevista em dois momentos. O primeiro em que buscamos saber as concepções, conceitos, visões sobre uma educação inclusiva no contexto de ensino de artes visuais do professor. Porque consideramos que essa questão seria fundamental para que compreendêssemos como o professor elabora o seu plano de aula pensando no contexto da diversidade dos seus alunos. Nessa parte também buscamos compreender qual a visão do professor perante a diversidade na sala de aula, se seria vantagem ou desvantagem e se um aluno com deficiência poderia atrapalhar a qualidade de ensino da turma.

No segundo momento partimos para perguntas diretamente relacionadas com a aula, a abordagem metodológica e o plano de ensino da professora. Buscando compreender quais seriam as estratégias utilizadas na aula para trabalhar com artes visuais e como ela poderia contribuir para a diversidade da sala de aula. Como a professora planeja, elabora e relaciona o plano de ensino e o plano de aula com a diversidade dos alunos e o que é exigido pelas normativas legais como o BNCC e o DC-GO. O processo avaliativo de um aluno de contexto inclusivo, e os critérios utilizados e quais seria a experiência de inclusão que ele poderia compartilhar conosco.

O roteiro de perguntas foi feito para que tivéssemos um guia na nossa entrevista. Por isso também estávamos atentas as percepções dos professores e intervenções que poderiam ser feitas que não estavam relacionadas ao roteiro, mas que de alguma forma poderiam contribuir em nossa pesquisa. As perguntas no nosso roteiro foram:

1- Conte para nós quais são as suas concepções, conceitos, visões sobre uma educação inclusiva no contexto do ensino de artes?

2- Como você acha que a diversidade na sala de aula contribui para o desenvolvimento dos alunos? Quais seriam as vantagens e desvantagens?

3- Considera que um aluno com deficiência pode atrapalhar a qualidade de ensino da turma?

4- Quais as abordagens metodológicas e estratégias que você utiliza na sala de aula para trabalhar com artes visuais? Como você acha que elas contribuem para a diversidade da sala de aula?

5 - Conte-nos como você planeja, elabora e relaciona o plano de ensino e o plano de aula pensando na diversidade dos alunos e aquilo que é exigido pelas normativas legais como o BNCC e DC-GO?

6- O que você considera ao pensar na avaliação de uma aula inclusiva, como você avalia? Quais os critérios avaliativos ?

7- Você tem alguma experiência de inclusão para compartilhar conosco, em que você procurou soluções de ensino de artes visuais para trabalhar com a criança em contexto inclusivo? Se sim, como foi a acolhida desse aluno na sala de aula?

Elaboramos as três primeiras perguntas para que investigar as concepções e conceitos que essas professoras trazem sobre inclusão. Percebermos qual é a realidade dessas professoras, na sua forma de pensar e na prática. Porque sabemos que as esferas legislativas, teóricas, pessoais e práticas dificilmente são coerentes entre si. As outras quatro perguntas foram elaboradas para adentrarmos as realidades das abordagens metodológicas inclusivas da professora, dentro da sala de aula. Conhecermos o processo de construção do plano de aula, da possibilidade e as possíveis experiências que ela já vivenciaram nesse contexto de inclusão.

Foi feita a transcrição completa de ambas as entrevistas. E após a análise dessas entrevistas esses foram os resultados obtidos junto com as nossas percepções com as metodologias em ensino de artes visuais em contextos inclusivos adotadas por essas professoras.

3.1.1 Professora Cíntia

Foram realizadas entrevistas com duas professoras licenciadas em Artes Visuais. Ambas viveram a experiência do ensino de Artes Visuais na sala de aula, embora a professora Cintia tenha afirmado que sua experiência foi em curto prazo na educação infantil, primeira fase, onde teve contato com a inclusão. De acordo com a primeira pergunta. Segundo ela, em creches há poucas crianças com necessidades de um trabalho de inclusão, porém ela teve a experiência de trabalhar com uma criança surda-muda, o que lhe trouxe muito aprendizado. Ela professora Cintia, coloca que foi uma experiência muito rica em pouco espaço de tempo, a criança era muito segura, inteligente. Sobre as abordagens metodológicas ela trabalhava sons musicais, que é uma linguagem das artes com muito movimento e a criança acompanhava muito bem esses movimentos. Nas datas comemorativas como o dia dos índios, por exemplo, os cartazes eram inseridos de acordo com o contexto e para ajudar ela colocava a imagem como linguagem visual.

As perguntas foram sucintas dentro do contexto de abordagens metodológicas inclusivas das artes visuais. Foi perguntado sobre quais são as suas concepções dos conceitos as visões sobre educação inclusiva no contexto de ensino das artes visuais.

Para responder essa questão, a professora Cíntia foi bem clara quanto às funções das abordagens metodológicas. Declara que num contexto geral, percebe-se uma grande dificuldade dos professores em trabalhar nas escolas com uma defasagem de abordagens metodológicas próprias para o ensino de Artes na inclusão, principalmente na educação infantil. Há segundo ela uma falta de recursos metodológicos, formação de professores na área e as abordagens metodológicas irem de encontro com os planejamentos diários para que se tenha uma sequência diária satisfatória, com essa fala ela deixa subentendido que precisa usar aquilo que o aluno traz de casa a seu favor, quando coloca sua em sua fala: “- Ele (professor/aluno) consegue trabalhar não somente as atividades que já são cobradas no planejamento cotidiano”.

Cintia também discorre que essa dimensão do trabalho de artes na escola além da dificuldade de alguns professores, a dificuldade em trabalhar alguns ensinamentos como músicas geram grandes dificuldades. Como recurso para sanar essa problemática do método ela cita a BNCC como uma tábua de salvação. “Por mais que seja cobrado, com a BNCC o professor consegue assimilar muitas coisas antes não assimiladas”.

Outro fator interessante foi a colocação da professora Cintia quando mencionou o contexto da inclusão, segundo ela, no contexto geral seria ideal trabalhar todas as linguagens que a criança carrega no contexto onde ela está inserida.

3.1.2 Professora Ires

A segunda entrevista foi feita com a professora Ires, também licenciada em Artes Visuais e com um tempo maior de carreira, podendo explicar com mais afinco as o contexto do nosso interesse quanto à pesquisa sobre abordagens metodológicas inclusivas no ensino de Artes. Ela nos mostrou que para com alunos com comprometimento físico ou intelectual, é preciso trabalhar em nós a prática da empatia e do amor ao próximo, o que às vezes não acontece com todos docentes da escola e por vezes por parte de algumas instituições que se recusam a matricular esses alunos, apesar da Lei 7.853/1989 que o seu *artigo 8º inciso I* determina como crime a recusa de matricular alunos com deficiência.

recusar, cobrar valores adicionais, suspender, procrastinar, cancelar ou fazer cessar inscrição de aluno em estabelecimento de ensino de qualquer curso ou grau, público ou privado, em razão de sua deficiência;

A professora Ires coloca uma preocupação pessoal em proporcionar qualidade de ensino para todos os alunos, quando menciona todos, promove a tão aclamada inclusão. Ela explica que os relatos mais comuns são: falta de investimentos e até mesmo um descaso com esse público, tanto estrutural, físico e principalmente humano, não há por parte dos governantes uma preocupação em investir na qualificação profissional desses professores, também percebe – se que há certo despreparo das instituições ao receber os alunos. Partindo desse princípio nota-se, uma frustração vindo dos professores, seja na preparação do plano direcionado ao aluno, seja na disposição de materiais de suporte para trabalhar com eles.

Perguntamos: Você como professora de artes, o que você entende por educação inclusiva, quais são as suas concepções, seus conceitos e suas visões?

A professora afirma respondendo que: - A inclusão vai além de estar presente, é também incluir socialmente e culturalmente e ressalta a importância da interação

dos colegas com o aluno que tem comprometimento, não teria sentido se ela não conseguisse interagir com os colegas, seria inútil recebê-los em sala de aula e eles se tornarem invisíveis ou ficarem esquecidos em seus cantos. Segundo ela, ao longo dos anos o país vem trabalhando para tirar as crianças das escolas que só recebem crianças especiais, e que sejam incluídas no ensino regular das escolas, para que tenham a oportunidade de se desenvolver intelectualmente junto com os demais, relata ainda, que passou por uma experiência em sua juventude na cidade de Goiânia, onde fizera um estágio em uma dessas escolas, onde somente recebia alunos com deficiência, essa experiência tornou constrangedora, o que impediu a mesma de dar prosseguimento ao projeto de pesquisa naquele ambiente. Relata ainda que, durante essa experiência, as crianças quando eram levadas a algum ambiente público, eram vistas como “alegorias”, algo novo, porque a sociedade não estava preparada para tratar aquelas crianças como as outras e aqueles que tinham na família crianças nessas condições, não gostavam de apresentar para a sociedade, talvez por constrangimento, ou medo do preconceito das pessoas. Na percepção da entrevistada esse fato ocorria simplesmente por que as crianças não estavam incluídas na sociedade como um todo, lembrando que naquela época as escolas regulares não recebiam alunos com deficiência.

Para lidar com deficiências e necessidades educacionais especiais segundo nossa entrevistada, o professor precisa antes de tudo ser um pesquisador, sempre correndo atrás de novidades e formas de conduzir seus trabalhos, embora ela admita que esse trabalho de pesquisa somente seja realizado, quando o professor lida com o aluno de forma direta em sala de aula, ainda que haja um professor ou outro que se desdobra para se qualificar, a fim de adquirir algum conhecimento, ainda segundo ela existe uma dificuldade para professores de escola pública ficar a par desses assuntos, por que não é oferecido nenhum treinamento preliminar e que venha preparar os mesmos para lidar com esse público e também devido à quantidade de salas nas quais leciona, e também quantidade de alunos e as diversidades existentes em todas elas. A Professora Ires, sendo licenciada em Artes visuais relata que teve dificuldades para lidar com alunos que têm um grau de comprometimento maior e que requer mais cuidados e ressalta a importância da existência do professor auxiliar, principalmente quando existe na sala mais de um aluno nesta condição, porém este diferencial não é visto com muita frequência. Relata ainda, que por ser um tema muito

sensível exige um grau de sensibilidade muito grande, as pesquisas são limitadas a um pequeno grupo de pessoas, as demais evitam discutir sobre o assunto, sem contar as autoridades que fabricam leis de difícil compreensão, além de deixarem a desejar no quesito infraestrutura, entretanto talvez a falta de qualificação profissional ainda seja o maior problema.

Perguntamos: - Como você elabora o plano de ensino e o plano de aula pensando na diversidade da sala?

A esse respeito ela foi enfática. Ressalta que devido à diversidade da turma se faz necessário um trabalho de pesquisa de vários artistas e variadas abordagens que possibilitem a experimentação nas oficinas de criação artística, além de investigação pessoal para a construção poética e artística e para aquele aluno com algum tipo de deficiência é necessário entender qual é o seu comprometimento, pois só assim ele será capaz de exercer a atividade dentro de suas limitações, portanto o planejamento se dá de acordo com o grau de comprometimento, físico, ou intelectual do aluno, por isso a necessidade da apresentação do laudo médico, pois somente com essas informações se é capaz de elaborar um plano de aula que se adeque tanto ao aluno especial quanto ao restante da sala, ainda assim, seria uma utopia acreditar que todos os alunos tenham um desenvolvimento igual, ela afirma ainda que são os professores, não só de Artes Visuais, mas de todas as disciplinas que se adequam à sala e não a sala ao professor.

Relata ainda que hoje em dia, nós não temos mais aquela sala uniforme, os grupos são diferentes, eu, por exemplo, disse ela: - não elaboro um plano pensando nessas diversidades. Eu faço diferentes projetos de pesquisa, escolho determinado artista, aí dentro do trabalho do artista eu vou fatiando aquelas possibilidades das oficinas artísticas e nas oficinas de criação eu tento fazer núcleos de acordo com os processos de vivência dos alunos. Eu gosto muito de trabalhar na linha dos processos criativos, experimentação, então está lá o plano, seja da abordagem triangular ou outra abordagem, eu coloco o artista, fazemos a roda de debate, investigações pessoais, processo de construção numa tentativa de uma poética individual, aí sim, eu vou tentar fazer, que aluno “especial” entrar na dinâmica da, uma vez que eu sei

que do comprometimento dele. Assim, supondo não conseguiria trabalhar com a modelagem de argila, então naquele grupo apareceriam outros materiais que ele pudesse ter esse processo de investigação. Hoje a gente vai trabalhar com argila? Então vamos pesquisar as possibilidades que a argila oferece.

Professora, Você tem alguma experiência de inclusão para compartilhar conosco em que você procurou soluções metodológicas do ensino de Arte para trabalhar com a criança em contexto inclusivo?

Sim, disse ela. A fotografia mudou a visão dos alunos de uma turma à qual eu lecionava. Através da fotografia uma criança portadora de Síndrome de Down, que era bastante popular, engraçada e extrovertida, entretanto era visto como o engraçadinho da sala e quando lhe foi sugerido uma atividade de fotografia ele se saiu muito bem. Após a exposição de seu trabalho, o jovem passou a ser reconhecido e respeitado por seus colegas e demais professores, elevando assim a sua autoestima, e o reflexo disso se deu no seu comportamento, tanto dentro da escola quanto na sua casa, segundo sua mãe. Uma segunda experiência aconteceu com uma aluna também portadora de Síndrome de Down que venceu um concurso promovido por uma agência de publicidade. Ainda uma terceira experiência, se deu com outro aluno que tinha várias psicomotricidades, mas gostava muito de tinta e começou a pintar com a boca, fato não bem recebido pela família, mas segundo ela, a mãe ficou mais tranquila e feliz em saber que existia uma produção muito grande dentro dessa temática da pintura e que o filho dela poderia até conseguir a sua autonomia financeira, posteriormente a mãe tentou encontrar uma escolinha de Arte que recebesse seu filho (o que não sabe se conseguiu). Enfatiza ainda o aumento da autoestima, sentir produtivo, incluído no sentido intelectual e em todas as experiências dá ao aluno uma relação diferente da pessoa com o outro.

Pergunta: - Professora, como é que você avalia esses alunos que vem desse contexto de inclusão?

Segundo a professora, o processo de avaliação desses alunos passa por um processo diferenciado, é feita caso a caso, esse processo de avaliação é muito presente do que você conhece da deficiência, por exemplo: um aluno cadeirante, que não tenha comprometimento intelectual, não tenha comprometimento motor, o processo de avaliação desse aluno é o mesmo de todos. Porém são observadas quais

as possibilidades que ele pode oferecer, o quanto ele vai mais além, depende do comprometimento que a criança tem, destaco que as avaliações nunca são as mesmas dependendo do contexto, se tiver uma prova escrita e a pessoa tem problema na mão, mas intelectual não tem, então é feita uma avaliação oral e assim por diante e também vai do cotidiano da criança dentro da escola. Além do mais existem inúmeras formas de se avaliar o ensino de artes. A arte oferece um arsenal de possibilidades de autonomia, de psicomotricidade, de intelectualidade, de observação, de análise, de reflexão, de leitura visual. Porque ela tem uma matéria prima que é a imaginação.

Na sua Concepção o aluno com deficiência atrapalha na qualidade do ensino na turma? Por quê?

A mesma nos diz que, atrapalhar ele não atrapalha num todo, mas dependendo do comprometimento que ele tem, ele pode comprometer eu não digo nem a aprendizagem como um todo, ele pode comprometer a aprendizagem dele e a do colega. Já teve o caso de uma criança a qual tinha uma síndrome intelectual, então ele fica o tempo inteiro gritando, pensando assim, atrapalha, imaginem uma sala cheia e uma criança gritando sem parar. Também é enfática ao dizer que depende também do que a escola pode oferecer, no comprometimento da criança. Outro fator é o que o professor vai trabalhar, se a questão cognitiva ou mais a questão de integração, de afetividade, então tudo pode ter sim comprometimento dependendo do que a escola tem para oferecer. Se a criança está agressiva não se deve trabalhar com tesoura ou até mesmo uma régua que ele pode quebrar e cortar o outro, então é uma realidade muito peculiar, por fim diz que, algumas perguntas não são possíveis fechar, apenas em resposta diretas, é interessante sempre ter uma contextualização para não se correr o risco de taxar como verdade única. Eu acho que é positivo sim, a criança tem que estar na escola, eu acho que é o espaço dela, eu acho que é o espaço de integração social, uma vez uma pessoa falou assim, se ela vive no mundo, o mundo é de todas as pessoas misturadas.

Para finalizar: Quais são as suas inseguranças a respeito da inclusão?

A minha insegurança maior é a questão de quando você recebe um aluno, como você vai fazer, o que a escola tem para oferecer, quando a gente recebe um aluno portador de necessidades especiais.

Então acho assim, que talvez a minha insegurança esteja mais em responder os anseios desse aluno, como construir, como estar construindo habilidades intelectuais, quando eu falo intelectuais eu falo descobrir dentro do universo que ele tem no comprometimento que ele tem como que vou contribuir no processo de estimular o seu universo intelectual, para que ele tenha autonomia para poder ou ter uma linguagem poética artística ou para tá inserido no seu meio social como linguagem como comunicação, então a insegurança é mais nesse sentido, também como que será o meu próprio comprometimento, como será a minha pesquisa, como será essa ação? A escola tem algo para oferecer? Tem algum material? Não tem? Essa é uma questão que é interessante, o aluno especial, ele vai pra escola. A percepção que tenho é que o aluno que chega precisa explorar seus sentidos, visual, auditivo, alunos gostam também de explorar a materialidade dos objetos como na Arte Contemporânea, quantos artistas vêm oferecendo justamente essa pesquisa da materialidade do objeto, do plástico, do tecido. Entretanto, nem sempre o professor tem recursos para investir, por que é difícil de conseguir os mesmos. Para Ires, o material é um traço importante, para o professor de Arte Visuais realizar estes processos de investigação, professor de arte faz investigação artística com os alunos especiais através da materialidade do objeto, usa o pode oferecer, é um viés muito legal, entretanto sua maior insegurança é não conseguir identificar os procedimentos metodológicos que possa estimular essa questão intelectual da psicomotricidade e esse universo poético do aluno.

Ao finalizar a entrevista, a professora Ires se fez ouvir, a Arte se torna uma válvula de escape para os docentes de todas as disciplinas realizarem seus planejamentos para esse público. Enfatiza que utilizar recursos artísticos como desenhos, imagens, fotografia e outros, como estratégias de abordagens metodológicas, a resposta por parte desses alunos é sempre bem positiva, tanto para a criança quanto para a família, em consequência para toda a sala, dessa forma a meta de incluírem alunos segundo seu próprio relato se dá de maneira mais eficaz com a utilização de tais métodos. Ao que se refere a essa linha de pensamento e analisando de maneira bem sucinta, somente a Arte seria capaz de transmitir conhecimento ao aluno NE. Apesar de reconhecer que o aluno portador de algum comprometimento, o processo de ensino e aprendizagem dele, é diferente dos

demais, fazendo assim dessa forma, o professor auxiliar torna-se figura central nessas discussões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É um grande desafio pensar em abordagens metodológicas inclusivas. Especialmente porque exige que o professor esteja em constante mudança, aberto para pesquisa e para conhecer o outro. Estamos acostumados a copiar caminhos, não a construir o nosso próprio caminho. Estudamos aqueles que tiveram sucesso na implantação das suas abordagens metodológicas nesses contextos, esperando que os seus passos funcionem em nosso caminho também. O professor no seu caminhar irá se deparar com inúmeros alunos, turmas, salas de aulas, em que cada um terá a suas peculiaridades e exigirá do professor uma constante reconstrução do seu caminhar, para que a sua aula seja inclusiva. O nosso desafio está em nos sentirmos pertencentes a esse fluxo, priorizar a necessidade do aluno ao em vez das facilidades do caminho já percorrido por outra pessoa.

No decorrer deste trabalho, percebemos as dificuldades, a falta ou a incompreensão do que seja inclusão trazida no âmbito das políticas públicas. Elas influenciam diretamente no trabalho do professor e da escola, uma vez que irão abrir às possibilidades legais e os recursos para haja inclusão escolar.

No capítulo II, falamos um pouco sobre as diferentes teóricos que nos ajudam a pensar em abordagens metodológicas inclusivas no ensino das Artes visuais que englobam o universo das escolas e da necessidade de conhecermos como é articulado o Ensino-Aprendizagem dentro do ensino das artes visuais e como o sentido palavra metodologia ganha amplitude nos diferentes contextos em que é colocada.

Compreendemos que o conceito de educação a partir da filosofia de ensino de Dewey nos remete a possibilidade que a escola tem a obrigação de educar a criança indiretamente pelo meio social que ela pode proporcionar assim a escola pode modificar, alterar, organizar intencionalmente o objetivo educacional, sendo um lugar de relacionamentos, ela apresenta inúmeras possibilidades de oferecer à criança a experiência educativa intencional, no caso da inclusão isso favorece para o crescimento do aluno quanto a expansão do aprendizado.

Sobre a experiência estética, Dewey contribui que o valor estético da obra de arte está no seu processo e no movimento proporcionado ao artista. Amplia o nosso nosso olhar, abrindo possibilidades possíveis de construções durante a produção de uma obra de arte. Somos sujeitos da experiência e podemos experimentar diversos

processos artísticos independente dos seus resultados finais. Isso nos torna iguais enquanto sujeitos e nos ajuda como professores, a ter percepção de experiência estética e percebemos que os inúmeros campos das artes visuais podem nos ajudar a ajudar os nossos alunos pertencentes ao ambiente escolar durante o processo criativo de uma obra de arte.

Nas entrevistas buscamos compreender o trabalho feito pelas professoras, cada uma no seu ambiente escolar, com sua subjetiva experiência que veio enriquecer o nosso trabalho. Experimentamos suas vivências em salas de aulas a partir das suas colocações sobre experiências positivas, suas dificuldades e suas superações.

Pensar numa abordagem metodológica inclusiva única que poderia ser aplicada e afirmarmos que ela é inclusiva corremos o risco de não abarcar os diversos contextos da sala de aula e muito menos a inclusão, pois só aí já estaríamos sendo individualistas. Por isso a dificuldade em apontar caminhos, de pensar em uma abordagem metodológica única que ao ser aplicada e afirmarmos que ela é inclusiva é um risco, pois deixa o aluno preso a nossa ideologia, de não abarque sua subjetividade, seu eu na sala de aula.

Não defendemos que o professor deve elaborar atividades diferenciadas para o aluno com deficiência, excluindo ele do restante da sala, mas o plano de aula deve ser pensado na flexibilidade por haver situação de inclusão. No caso do ensino das artes visuais, há inúmeras possibilidades de atividades em que os alunos terão que perceber a si mesmos e se perceberem diante do outro.

A formação no curso de Licenciatura em Artes Visuais traz para nós arte/educadores infinitas possibilidades de diálogo de ensino, para construirmos durante o nosso percurso como profissional propostas pedagógicas com abordagens metodológicas inclusivas. A variedade de possibilidades de materiais e suportes permite que o aluno passe a se expressar e descobrir sua identidade visual de diferentes formas. O uso da experiência estética na filosofia de ensino de John Dewey priorizando o processo artístico ao resultado, também auxilia a desconstruir o pensamento de uma arte para ser arte precisa estar dentro dos padrões de beleza impostos por aquele que domina os meios de produção/comunicação na nossa sociedade. Com o curso ampliamos as nossas percepções do que é arte e das suas infinitas possibilidades, em podermos ver o outro com compreensão da identidade que ele trás. As construções que fizemos nos cursos nos oferecem possibilidades

para auxiliar os alunos na construção de sua própria poética visual, em descobrir como a sua identidade irá se expressar visualmente.

Por fim, concluímos o nosso trabalho na certeza de que não podemos impor ou determinar caminhos certos a seguir, somente sugerir e pedir que aos professores, estudiosos e pesquisadores que ao lerem o nosso trabalho compreendam que trabalhar com abordagens metodológicas que impulsionem o fazer artístico no ensino de Artes Visuais em contextos inclusivos, exige disposição, sensibilidade e afetividade do profissional. É uma área que pede constantemente a reinvenção do profissional, que deve ser guiada pela constante pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANACHE, Alexandra Ayach. **Aprendizagem de Pessoas com Deficiência Intelectual: Desafios Para o Professor**. In: MARTINEZ, Albertina Mitjás. TACCA, Maria Carmem Vilela Rosa (Org.). Possibilidades de Aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência. Campinas, SP. Editora Alinea 2011.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. D. **A Abordagem Triangular no ensino de artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortex, 2010.

BENJAMIM, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Tradução Sérgio Paulo Rouanetão Paulo: Brasiliense, 1996.

BRASIL. Constituição da República federativa do Brasil de 1988. **Presidência da República Casa Civil**, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.html>. Acesso em: 2021 fev. 09.

COLA, C. P. Metodologias para ensino de Artes Visuais. In: GUIMARÃES, L. M. D. B.; PEROTTO, L. U. **Licenciatura em Artes Visuais: percurso 3** [Ebook]. 1 ed. ed. Goiânia: Gráfica da UFG, 2018. Disponível em: <<https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/licenciatura-em-artes-visuais/modulo/3/007.html>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

COUTINHO, R. G. **Abordagem triangular: deglutições e apropriações formativas**, In Anais do 27o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27o, 2018, São Paulo. Anais do 27o Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018.

DESCARTES, R. **O discurso do método**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2005.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1971.

DEWEY, J. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes- Selo Martins, 2010.

FERRACIOLI, H. C.; VITALIANO, R. **Arte- Educação e Inclusão de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais na Escola Regular, Londrina**, 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/Anais/2017/Anais/Artigo/Eixo%20%20Educacao%20e%20Diversidade%20e%20Direitos%20Humanos/ARTE-EDUCACA%20EINCLUSAO%20DE%20ALUNOS%20COM%20NECESSIDADES%20EDUCACIONAIS%20ESPECIAIS%20NA%20ESCOLA%20REGULAR>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

FERRAZ, M. H. C.; FUSARI, M. F. R. Metodologia do ensino da arte. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

-FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GONZALEZ REY, F. L. O sujeito que aprende: o desafio dos desenvolvimentos do tema da aprendizagem na psicologia na prática pedagógica. In: TACC, M. C. V. Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas Alínea, 2006.

KETTENMANN, A. **Frida Kahlo: Dor e Paixão**. [S.l.]: Taschen, 2015.

MATISKEI, A. C. R. M. Políticas Públicas de Inclusão Educacional Desafios e Perspectivas. **Educar**, Curitiba, 2004. 185-202.

MATOS, O. C. F. O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MEC/SECADI. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. **Portal MEC**, 2008. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192>. Acesso em: 09 fev. 2021.

MENDES, E. G. Breve Histórico da Educação Especial no Brasil. **Revista Educación y Pedagogía**, Medellín, v. 22, p. 93-109, Mayo- Agosto 2010. ISSN 57.

MENDES, R. H.; GITAHY, C. A. M.; CAVALEIRO, J. **Artes Visuais na Educação Inclusiva**. 1. ed. Peirópolis: Peirópolis, 2010.

NAPOLI, ISABEL CARPES. **O autorretrato na arte contemporânea**. *Brasil Escola*, Disponível em:

<<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/o-autorretrato-na-artecontemporanea.htm#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20de%20autorretratos%20contempor%C3%A2neos%20%C3%A9%20incont%C3%A1vel.&text=e%20ao%20esmero.,Por%20fim%2C%20busca%2Dse%20fazer%20uma%20>>. Acesso em: 14 mai. 2021.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. **UNICEF**, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 30 jan. 2021.

PLETSCH, M. D. **Repensando a Inclusão Escolar**: diretrizes políticas, práticas curriculares e deficiência intelectual. 2. ed. Rio de Janeiro: NAU, 2014.

TEIXEIRA, M. S. O conceito de experiência em John Dewey: Contribuições para uma Epistemologia Naturalizada. **Revista Fundamentos**, v. 1, p. 81-91, 2018. ISSN 1.

UNESP. Metodologias para o ensino de arte. **Acervo Digital UNESP**, 2012. Disponível em:

<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41531/6/2ed_art_m2d4.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. **Padrões de competência em TIC para professores**. UNESCO, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/6m4D87>.

WCEFA, C. M. D. E. P. T.-. Declaração mundial sobre a educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. **UNICEF**, 1990. Disponível em:

<<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>>. Acesso em: 30 jan. 2021.

WESTBROOK, R. B.; TEIXEIRA, A. **Coleção Educadores MEC- John Dewey**. Tradução de José Eutáquio Romão e Lane Verone Rodrigues. Recife: Massangana, 2010.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada: **Reflexões Acerca das abordagens Metodológicas Inclusivas no Ensino de Artes Visuais.**

Nosso grupo é formado por Aliane Cristina Maia Lima, Joaquim Luís Carrijo e Meire Lúcia dos Santos Oliveira. Somos licenciandos em Artes Visuais na modalidade a distância pela Universidade Federal de Goiás. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará conosco. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelos pesquisadores responsáveis, por qualquer um desses e-mails: alianecristina@gmail.com, nenegosantista@gmail.com, meirelucia11@hotmail.com, ou através dos seguintes contatos telefônicos: 64 98157-0123 (Aliane), 64 99951-2864(Joaquim Luís) ou 64 8407-9941 (Meire), inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

O trabalho tem como objetivo geral o trabalho de conclusão de curso TCC do grupo acima indicado. Você será entrevistada com perguntas simples e de fácil compreensão em forma de entrevista. Havendo o seu consentimento a conversa será gravada para a transcrição e coleta dos dados e para isso deverá reservar um período de 1 hora para o desenvolvimento da mesma. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso, e a pleitear indenização em caso de danos, conforme previsto em Lei. Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Desde já alerto que em toda pesquisa, há risco de tensão, cansaço, constrangimento e riscos emocionais de ambas as partes.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob nossa guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da

entrevista é necessário o seu consentimento, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito a gravação da entrevista.
- Não permito a gravação da entrevista..

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Autorizo o uso de minha voz em publicações.
- Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
- Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
- Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Solicito autorização para utilização dos dados em pesquisas futuras. Para validar sua decisão, faça uma rubrica entre os parênteses abaixo:

- Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
- Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

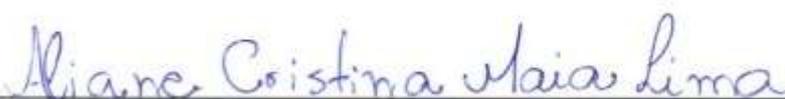
Eu, Ires Carvelo Costa Turibio abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **Proposta Pedagógica para Ensino de Artes Visuais no Contexto da Inclusão a partir de Análises Metodológicas**. Informo ter mais de 18 anos de

idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informada e esclarecida pelos pesquisadores responsáveis Aliane Cristina Maia Lima, Joaquim Luís Carrijo e Meire Lúcia dos Santos Oliveira sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, 10 de abril de 2021.



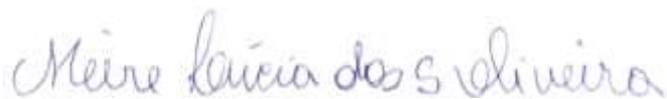
Assinatura por extenso do(a) participante



Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável



Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável



Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada: **Reflexões Acerca das abordagens Metodológicas Inclusivas no Ensino de Artes Visuais.**

Nosso grupo é formado por Aliane Cristina Maia Lima, Joaquim Luís Carrijo e Meire Lúcia dos Santos Oliveira. Somos licenciando em Artes visuais na modalidade a distância pela Universidade Federal de Goiás. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará conosco. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelos pesquisadores responsáveis, por qualquer um desses e-mails: alianecristina@gmail.com, nenegosantista@gmail.com, meirelucia11@hotmail.com, ou através dos seguintes contatos telefônicos: 64 98157-0123 (Aliane), 64 99951-2864(Joaquim Luís) ou 64 8407-9941 (Meire), inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

O trabalho tem como objetivo geral o trabalho de conclusão de curso TCC do grupo acima indicado. Você será entrevistada com perguntas simples e de fácil compreensão em forma de entrevista. Havendo o seu consentimento a conversa será gravada para a transcrição e coleta dos dados e para isso deverá reservar um período de 1 hora para o desenvolvimento da mesma. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso, e a pleitear indenização em caso de danos, conforme previsto em Lei. Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Desde já alerto que em toda pesquisa, há risco de tensão, cansaço, constrangimento e riscos emocionais de ambas as partes.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob nossa guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da

entrevista é necessário o seu consentimento, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

-) Permito a gravação da entrevista.
-) Não permito a gravação da entrevista..

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

-) Autorizo o uso de minha voz em publicações.
-) Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

-) Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
-) Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

-) Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
-) Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Solicito autorização para utilização dos dados em pesquisas futuras. Para validar sua decisão, faça uma rubrica entre os parênteses abaixo:

-) Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
-) Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

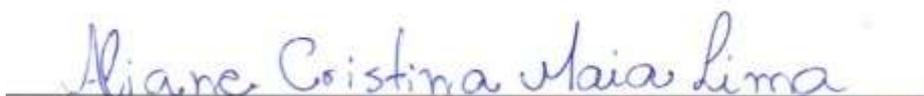
Eu, Cintia Aparecida Pereira da Silva abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **Proposta Pedagógica para Ensino de Artes Visuais no**

Contexto da Inclusão a partir de Análises Metodológicas. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informada e esclarecida pelos pesquisadores responsáveis Aliane Cristina Maia Lima, Joaquim Luís Carrijo e Meire Lúcia dos Santos Oliveira sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, 10 de abril de 2021.



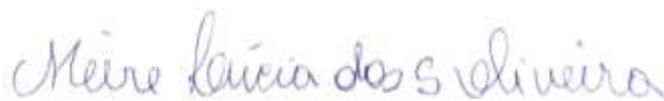
Assinatura por extenso do(a) participante



Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável



Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável



Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

ANEXOS

ANEXO I- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA CÍNTIA¹

Aliane: A nossa entrevista é mais para conhecer como você vê as questões da inclusão na sala de aula, como você se aplica, assim nas metodologias então é para ser mais uma conversa. As perguntas são para ser mais um roteiro, imagino que as coisas vão surgindo. Então aqui, conte para a gente quais são as suas concepções os conceitos as visões sobre educação inclusiva no contexto de ensino das artes visuais?

Professora: Essa visão você quer citar a minha experiência ou do contexto em geral?

Aliane: O que você acha que é uma educação inclusiva, como que pode acontecer na sala de aula no contexto das artes visuais.

Professora: Olha, A minha experiência em relação, assim a inclusão, com alunos mesmo, assim especiais escola é pouco. Eu tenho experiência na educação infantil, tá. E aí geralmente nas creches tem pouca criança com questão, assim por exemplo, essas coisas: surdo, mudo essas coisas. A minha experiência foi o ano passado que eu tive assim uma aluna mesmo presencial, vou falar de educação infantil que ela era surda e muda. E só assim, mas esse preço foi muito rica, porque era criança muito ativa, muito inteligente. Eu trabalhava muito com ela, com sons e com música, que também já é uma linguagem da arte, a música. Trabalhava muito com o movimento, com som, construindo chocalho com essas coisas e ela acompanhava muito bem as atividades. Inclusive os cartazes, trabalhava muito a leitura de imagens. Se eu contava uma história para ela, eu colocava uma imagem visual para ela fazer associar, entendeu? Uma criança de três anos, só que nós tivemos três meses só, juntos porque veio a pandemia, e não podemos trabalhar muito tempo juntos. Agora, no contexto geral, eu vejo muita dificuldade em trabalhar, dos professores trabalharem, com a linguagem da arte desde a educação infantil. Assim, a minha

¹ Entrevista da Professora Cíntia concedida pelo Google Meet no dia 10/04/2021.

experiência maior é Ensino Fundamental. Porque, acho que por não ter uma formação, eles não conseguem trabalhar metodologia junto com plano de aula do dia a dia entendeu, então assim eu cobro muito isso, para escola já passei, para o professor conseguir fazer uma sequência didática, quando ele consegue trabalhar não somente as atividades que já é cobrada no planejamento cotidiano, porque hoje em dia cobra muito que o aluno tem que aprender ler e escrever. E aí então, assim, eu já passei do Ensino Fundamental. Eu dei muitas ideias para conseguir trabalhar essa arte. Só que as pessoas têm muita dificuldade de trabalhar com artes ou música na sala de aula hoje. Eu ainda vejo um tabu muito grande, por dificuldade do professor, por mais que seja cobrado, talvez agora com a BNCC, com essas mudanças que estão chegando o professor consegue assimilar esse contexto, mas ainda vejo muita dificuldade.

Aliane: o que que você acha que seja a inclusão, no contexto, assim geral teórico, no campo teórico, o que você enxerga, o que seria o ideal?

Professora: Talvez, um contexto inclusivo na sala de aula, trabalhar com todas as linguagens, trazer essa criança para o contexto onde ela está inserida, entendeu. Então, assim, não é porque muitas vezes, assim, eu cheguei, eu fiquei em 2017 acompanhei um aluno especial, ele era autista o que ele mais gostava de trabalhar com arte, as pinturas essas coisas e muitas vezes o professor que está ali o professor Regente da sala ele não consegue trabalhar com esses alunos que vêm da inclusão para dentro da sala, fazer aquele trabalho para criança, por exemplo ele planeja para o todo e o aluno da inclusão fica fora desse planejamento, aí tem o professor de apoio. O professor de apoio é para apoiar e trazer esse aluno para a sala de aula. Eu vejo assim a reclamação muito mesmo é que tu não consegue fazer esse trabalho separado, ainda tem 2 ou 3 alunos de inclusão em uma sala de ditos "normais", aí a dificuldade dele trabalhar, mas o meu pensamento talvez está no meio que é composto com o que ele deve aprender.

Aliane: Meire, você quer falar pode falar você levantou a mão, mas você está sem áudio está desligado.

Professora: está desligado

Aliane: seu áudio está desligado

Meire: é mesmo. Não, porque ela colocou assim uma dificuldade falta, pelo que eu entendi, metodologia, é isso? Quando você falou assim que é difícil trabalhar que às vezes é um tabu essa aula de arte, no contexto da inclusão dentro da sala de aula é isso que você quis colocar? Que as metodologias não estão voltadas?

Professora: Não assim, porque assim na educação infantil eu vejo que o tema que o professor tem mais essa liberdade que é muito lúdico, então você trabalha com a pintura, com teatro, com a possibilidade de trazer a criança para esse meio ali da arte em si, isso na educação infantil é muita música, muito teatro, muita coisa. Já nos outros o ensino médio, ou fundamental preocupa muito em cumprir um currículo entendeu, ou seja, o que tá ali naquele livro é o que vai seguir, então, assim eu tenho dificuldade em ampliar e modificar essa forma de ensinar e trazer a arte mas assim eu vejo assim, quando eu fiz estágio, eu creio o seguinte que ele segue muito no livro mas tem professor de arte que faz muitos projetos ricos entendeu só que é muito presa ali naquela questão do livro, então, assim a arte cultural, do nosso meio, a arte cultural aquela que você põe a mão mesmo que refazer essa eu vejo dificuldade ainda.

Meire: é que eu percebi assim que pode haver assim, aí o aluno não interage o currículo e joga e aí tem que precisa aceitar né.

Professora: Isso, aí, acaba que o aluno não tem interesse em participar da aula de arte que é muito criticada até hoje. O aluno não tem esse interesse que tudo na aula de arte é chato, cansativo, porque às vezes o método está muito repetitivo e muito presa no livro, entendeu, porque eu quando você fala para criar, para refazer, para ver a arte de outra forma com outra linguagem e partindo do seu meio, da onde ela está por exemplo a arte em Mineiros, o que é a arte aqui em Mineiros? Então quando você partir do seu ponto mesmo X que é onde você vive você cria mais expectativa no aluno.

Meire: Obrigada.

Aliane: No contexto da diversidade dos alunos, de cada um traz em si as suas experiências, as suas vivências, suas complicações e como você vê a sala de toda essa diversidade dos alunos? Como você vê que ela possa contribuir para o desenvolvimento deles? Quais as vantagens e desvantagens que você vê?

Professora: tem que valorizar aquilo que o aluno já tem conhecimento, que ele já tem, que falar de aula, porque às vezes uma aluna gosta de um tipo de música, por exemplo, ele gosta de funk, daí aquilo ali é muito crucificado. Mesmo o aluno gosta de desenho, não gosta dele sem você pode trazer o aluno para outra forma de linguagem parece linguagem da pintura da escultura, da música, o professor ele tem que aceitar a diversidade que chega na sala de aula. Principalmente quando chega lá no ensino médio, por exemplo, os alunos já chega opiniões formadas e o gosto musical aí ele vem daquele ritmo que acha talvez, que é só pintar papel falar de um pintor escultora essas coisas e o aluno tem muita possibilidade de criar e recriar, então, assim o professor tem que dar espaço para esse aluno criar e trazer a arte do meio dele para sala de aula. Porque às vezes desvantagens porque aí o professor, põe uma tarefa para fazer na sala de aula e o aluno não tem a possibilidade de criar em cima daquilo ali e a arte é isso se não dá a possibilidade do aluno recriar aquilo que ele já conhece a por exemplo ele vai lá na naquela arte da Índia² lá e aí, qual o significado daquilo lá porque ele não sabe quem é o artista ou por que a Índia está localizada bem no meio de nossa cidade bem no centro, então, o que possibilita ao aluno a conhecer o artista fazer uma entrevista. Por exemplo, estudar porque tem essa estátua da Índia no meio dos mineiros morou índios, aqui não morou? porque eu vejo muita pergunta, qual o significado da Índia América dentro da cidade de Mineiros? Então é possibilitar o aluno a criar buscar pesquisar e se você dá pronto de um livro do aluno acaba se fechando aquele não tem expectativa de novas ideias

Meire: eu to observando aqui a forma que ela está colocando a forma do aluno ficar fechado, né. Pode continuar Aliane.

Aliane: Como você vê a presença de um aluno com deficiência? Pensando na qualidade de ensino da turma, se acha que pode dificultar ou ajudar de alguma forma?

Professora: Na verdade, o aluno com deficiência ele vem para ajudar e a somar. Apesar de muitas vezes, muitas vezes é visto como um aluno que tem dificuldade de aprender, que ele é mais lento e tudo só que o aluno com dificuldade de aprendizagem ele te possibilita a ver o mundo de outra forma, entendeu? E que a arte possibilita isso para ele, porque ele pode não acompanhar a disciplina normal ali, mas você vai

² A professora está se referindo ao monumento Grito da Índia América, monumento histórico, erguido na cidade de Mineiros/GO, feita pelo artista plástico Sinval de Carvalho.

oferecer novas experiências para ele lá tesoura, é tinta essas coisas, se ele não consegue acompanhar o ritmo da turma de uma forma têm possibilidade da gente inserir ele dentro do conteúdo oferecendo outros meios para ele aprender.

Meire: Nesse contexto, que a professora colocou, eu gostaria que ficasse mais claro a pergunta tipo assim somos uma sala de 30 alunos. Então, desde os 30 alunos vai chegar um aluno que é deficiente que tem as suas limitações. Como é a acolhida dos outros 29 alunos perante esse aluno que tá chegando que tem uma limitação e ele tem uma deficiência?

Professora: Primeiramente, quando o professor vai receber um aluno especial ele já é avisado que vai chegar, então, assim como matricular na escola que ele é especial você já pega, você já tem uma avaliação dele em um relatório de qual escola que ele está vindo. Qual a deficiência que ele tem? dificuldades que ele possui? Aí o professor já vai estar ajudando os alunos de sala, sobre a forma de acolher e como interagir com esse aluno, que geralmente esse aluno é colocado mais próximo da professora e ali pega dois três alunos que são mais desenvolvidos. Ali dentro da sala de aula que é o que pode ajudar no caso desse aluno tem dificuldade para pegar uma caneta para procurar a página de um livro a dificuldade de página de livro de número essas coisas ou até se você vai montar o quebra-cabeça com ele ao assim, você já pega aquele aluno que tem mais paciência também, que geralmente o professor tem que conhecer o perfil do seu aluno. Então assim, esse aqui consegue ajudar, esse que consegue ajudar, então você começa interagir a partir do momento que eles vão conhecendo os alunos, você vai oferecendo novas possibilidades para ele, ou seja, se hoje dois ou três ajudou. Amanhã a gente vai inserir esse aluno junto com outro grupo para que eles consigam entender as dificuldades do colega interagir socializar né Isso é muito importante né e cada um contribuir de uma forma aprendizado do colega que chegou.

Meire: obrigada professora isso mesmo porque eu que ia vai acontecer a inclusão de acordo

Aliane: Joaquim, você quer falar alguma coisa?

Joaquim: Nesse contexto, como você avalia a participação do professor de apoio?

Professora: professora de apoio, geralmente, eu já tive experiência do professor de apoio, assim a uma crítica muito grande em questão aí tem o pessoal de apoio ele é o apoio ele não tem que elaborar tarefa do aluno especial ele tem que ele chegar ele apoio do aluno dentro da sala de aula mas assim o que acontece na grande maioria do pessoal de apoio ele que planeja a tarefa, ele que executa, só que muitas vezes, o professor de apoio ele, não é apoio só de um aluno, ele é de 2 ou 3 alunos, entendeu? Então, assim é importante, é direito do aluno é, só que assim, a educação no geral ele não consegue manter o professor de apoio para cada criança especial, que tem na sala de aula aí acaba assim, que ele é importante ele consegue auxiliar o aluno, mas, assim, ele sente que há uma necessidade maior um professor por aluno entendeu, mas, assim, geralmente que acontece é eu mesma fiquei com dois, três, eu conseguia ensinar um, outro fugia da sala, ou fazia xixi dentro da cesta de lixo da sala. Fala, aí, eu tinha que tirar ele da sala um pouco para não atrapalhar a aula dos outros, entendeu? Então, assim, tem essa questão, tem o professor de apoio e tem o cuidador, tem aluno que só o cuidador para cuidar dele dentro da sala, mas o cuidador também acaba que ele tá ali para ensinar um pouco. É impossível, Professor Regente na sala não consegue acompanhar dependendo do grau desse aluno se for autista ou dependendo do grau quanto maior o grau menos ele fica quieto na sala, entendeu? então, assim o professor de apoio é importante, ele participa do planejamento, tudo certinho, ele monta a carga horária dele, mas, às vezes, assim o objetivo mesmo para se alcançar demora bastante mas é importante e tem a questão também dos pais também igual quando eu acompanhei o apoio o pai cobrava que o aluno tinha que ler igual aos outros alunos normais ditos “normais” que falam né via só que o filho dele por ser autista em grau muito elevado ele não conseguia ler então assim eu trabalhava muito com ele a gente não pode tirar ele da sala mas tem um momento você tem que tirar um pouco para a criança tranquilizar entrar aí é quebra-cabeça é um recorte é uma pintura e aí ansiedade do pai também que a gente inventa porque o pai quer que eu fiz aprendi a ler e escrever só que essa criança não vai conseguir acompanhar mas tem também aquele que tem só dificuldade de aprendizagem ele aprende que ele é mais lento ele aprende então o papel do professor de apoio é muito importante e o pai tem que cobrar a mesa Prefeitura de todo mundo porque é direito dele né Se precisar de Ministério Público Qualquer coisa esse pai tem o direito de cobrar só que muitas vezes professor de apoio acompanha 2 ou 3 alunos e aí pode ser que esse aprendizado mesmo que precisa ser bem feito

por mais que o Professor tenta o aluno é lento né E se acompanhar 2 ou 3 não é fácil mas é importante e acontece tem muito professor de apoio em Mineiros e tem muita professor de apoio só que assim ele quando ele acompanha três criança com um grau diferente de deficiência né Pode ser que o objetivo dele que ele passa não é não é o que almeja alcançar Mas acontece

Meire: Eu trabalhei com apoio um ano e seis meses e às vezes eu vejo a função do professor de apoio ele é quer meio pouco desvalorizado por ele não ter essa condições de planejar. E aí e cabe que é muito mecânico a meu ver

Professor: porque ele não planeja junto com professor Regente mas tem a obrigação de dar conta de cumprir aquilo ali. É muito cobrado do aluno aprender, e acaba que não acontece. Porque queria que o aluno aprendesse e ele não consegue aprender.[AM7]

Meire: a meu ver o professor de apoio tem uma metodologia e o professor regente outra metodologia. A meu ver o professor de apoio é um pouco excluído pela metodologia.

Joaquim: Era isso que queria opinar a respeito disso aí. Eu acho que o professor de apoio tem que acompanhar a metodologia que o professor regente está aplicando. Se é professor de arte ele tem que planejar a aula junto com você.

Professora: é porque assim muitas vezes a sala de aula que você tá acompanhando um professor só ele dá todas as disciplinas ele dá a arte, da portuguesa, da matemática, da ciência ele dá ensino religioso, então assim e aí dependendo a disciplina igual eu comentei no início tipo a disciplina de arte por exemplo é uma disciplina que dependendo o professor ele não ensina arte ele passa por ali ele passa por aquele conteúdo do livro entendeu então assim não é uma aula que você vai para falar 45 minutos, onde hoje é só a arte hoje não assim até o 5º ano né o professor ou acaba sendo um professor para todas as disciplinas E aí hoje ele tá português, matemática, ciências, ensino religioso, então assim muito metódico porque ele está em um livro ali não ele passa aí de repente vai montar um Tangram, alguma coisa né falar de um artista tem muito rápido então assim não tem uma sintonia como contexto

mesmo do que é arte mesmo dentro da cultura, da música, dentro da dança ,dentro do teatro entendeu então assim às vezes ele passar. [AM8] Pela experiência que eu já vivenciei em algumas salas de aula que eu já passei. Eu passei quando eu era uma professora de apoio então assim que hoje em dia você tem que criar muito projeto né você queria um projeto e trabalha com ele e traz os artistas que é para dentro da sala de aula igual aqui depois eu comecei a trabalhar o Sinval mesmo ele é muito meu amigo eu já trabalhei muita questão Sinval que mineiros. Inclusive em 2019 fiz um projeto sobre a ema né com criança de 3 anos levei essas crianças para o Parque Nacional, trabalhei a história de mineiros assim tudo dentro do contexto que as crianças a conseguisse assimilar né então nós visitamos as obras de arte do Sinval, visitamos o ateliê dele, ele foi na creche deixou a exposição na creche[AM9] então assim hoje eu encontro eles já com cinco anos e eles falam tia e o dia que fomos no Parque Nacional das Emas então eles assistiram o Globo Repórter aquele dia uma me ligou chamada de vídeo por tia eu vi a ema que a gente foi lá passear ou seja falta essa interação essa conexão. Falta essa interação essa conexão porque só passa e ler não tem fundamento porque falta mesmo assim para ter essa conexão com a arte é trazer o aluno para esse meio e mostrar para ele que não só lendo desenvolvendo fazendo, construindo, entrevistando porque assim inclusive neste ano de 2019 na creche que eu trabalho eu ganhei o prêmio de melhor professora do ano que foi aquela vez que a prefeitura premiou né. Que no ano passado não teve por conta da pandemia. Então assim trabalhava muito com textura, trabalhamos com argila então assim o Sivaldo foi lá modelou com eles então o aluno tem que criar se o aluno não criar ele só letra por cima a arte nunca terá significado para gente nem para Educação Infantil, Fundamental e Médio você tem que criar ideias, tem que ter a conexão tem que partir do concreto porque senão não é o significado eu penso que nunca vai ter eu falo isso também porque eu sendo professora de artes e pedagoga e planejo o meu trabalho dentro desse contexto[AM10] só que eu vejo dificuldade das minhas colegas na creche em planejar conteúdo de arte dentro do planejamento normal elas tem dificuldade aí ela pega e fala para mim assim ai Cíntia para você é fácil você consegue fazer eu consigo trabalhar com uma música com mais facilidade né com a história mais facilidade Então elas tem essa dificuldade só que muitas vezes também, muitos professores não tem interesse de aprender isso é fato né. Assim é porque você formou em duas áreas que você tem facilidade eu não tenho mas não é quando eu não sei eu tenho que buscar só que a gente tem que ver hoje em dia que muitos

professores quer cumprir o currículo que é cobrado e pronto cumpri o currículo tá bom, então não cria outras maneiras de trabalhar heterogênea trazer novas linguagens entendeu enriquecer esse ensino que já é às vezes muito cansativo para criança que o aluno e tira a arte desse estereótipo também né que faz tempo que a arte vem caminhando nesse estereótipo de que é ruim que é encapar caixa que é isso que é só ler né então assim tem possibilidade tem riquezas linguagem.

Aliane: Já partindo para a gente pensar um pouco sobre metodologias de ensino, a gente queria saber também quais são as metodologias, as estratégias que você usa para elaborar um planejamento considerando trabalhar com as artes visuais e para incluir esses alunos com deficiências?

Professora: Geralmente, o PPP da escola ele sempre tem um segmento. Por exemplo, na escola em que eu trabalho, a escola utiliza de Vigotski esse ano, então nosso PPP é em cima da teoria de Vigotski que trabalha interação e socialização em que a criança aprende com o meio. Então assim, para realizar esse planejamento fazemos pesquisas dentro de uma linguagem que a criança pode alcançar o método é esse sempre buscando que mais aproxima, mais fácil dentro da linguagem da criança desenvolvimento da Criança e da faixa etária da Criança e também demais por exemplo o ensino fundamental também tem que ser essa linguagem é desse momento em que a criança consegue absorver e também a gente não pode trazer teorias que não que está de acordo com a faixa etária né. Então assim é planejando pesquisando e sempre acompanhada pela secretária de educação, o planejamento é realizado a coordenadora Olha né e o diário da escola sempre tá também tem alguém que é da coordenação da secretaria de educação que acompanha esse trabalho da gente e em relação assim a questão da metodologia da criança né que é especial eu às vezes eu nem sei se o que dizer que em relação a metodologia[AM11] que o professor busca que eu dei aula na faculdade por 2 anos né

Aliane: Quando você está na turma com um aluno com deficiência você no momento que você está planejando a aula para essa turma você pensa nesse aluno, sabe então se você pensa nele Quais são as metodologia e as estratégias que você vai buscar para pensar nesse aluno?

Professora: Nesse meu tempo de educação infantil como eu te disse eu tive experiência no ano passado com essa aluna né então assim quando eu começava a planejar a aula para o meu plano de aula para a semana já começava a pesquisar tem que trabalhar para ela no caso eu ia contar uma história do Patinho né é assim eu já pensava assim para ela já tinha aqui que procurar as figuras diferentes, eu não falo libras mas eu já pesquisava as principais palavras que ia sair daquela história e os personagens principais e daí eu já ia lá e já buscava como queria falar para ela quem era o Pato quem era o ganso na história né E já pesquisar figuras que ia fazer com que ela pudesse assimilar para o patinho vão com as imagens e os cartazes também eu trabalhava uma música Eu já colocava a figura do Pato ali já colocava a música no som e como ela usava aparelho ela tinha um pouquinho de audição né então assim já colocava a música Ela ficava sempre de frente comigo pela ver o gesto que ia trabalhar depois eu ia com ela até o cartaz para ela ver, eu contava a história para ela com as imagens mostrava para ela os cartazes e ela da música e também a interação dela, o principal o fator principal era a interação dela com os demais colegas porque ela tem que se sentir incluída entendeu ela não pode sentir excluída, eu já tive também, anos atrás também um o outro aluno também que era surdo na época ainda não usava aparelho, hoje ele já está um rapazinho 14 anos então assim eu tinha pouca experiência de inclusão ainda não tinha cursos na área mas eu procurava trazer ele sempre assim de frente comigo e na época ele saiu do maternal do Jardim um ele fazia o meu nome, ele me desenhava né então ele gostava muito dessa questão do desenho assim eu procurava estimular Ele nessa parte desenhar me mostrar eu sempre tava assim olha essa é a tia Cíntia esse o seu colega. Então eu acho que o objetivo principal é fazer esse aluno se sentir incluído. E também o professor não esquecer que esse aluno faz parte ela do contexto da sala de aula dele e não tem como você não planejar uma atividade diferente tem que buscar atividade diferente mesmo incluindo ele dentro dos ditos “normais” tem que buscar algo diferente para ele aprender porque ele não consegue acompanhar o ritmo do outro [AM12]

Aliane: Você falou que a criança que você preparou as atividades dos patinhos e tal que as imagens que você usava com ela eram diferentes das outras, o que era diferente nessas imagens?

Professora: Não, eu falei assim que eu buscava imagens para trabalhar e ela fazia associação de ideias.

Aliane: ah tá, entendi.

Professora: Eu contei a história para ela, aí nós fizemos o passeio, eu mostrei o pato para ela, que aquele era o pato da história. Porque aí a criança precisa muito do concreto do real, quando ela chegou que eu mostrei o pato, que ela viu o pato, depois coloco o pato da foto dela para ela ver que ela viu o pato, que aquele pato a história também tem um pato tão assim eu gosto muito de trabalhar com a leitura de imagens, porque é processo que enriquece muito a criança, por exemplo eu fiz um passeio com eles eu peguei as fotos dos lugares da onde fomos foi e coloco na parede né. Então para a criança interagir com ele o que ele fez e aonde ele foi para ele sentir que ele tem valor dentro daquilo ali dentro do processo de aprendizado né porque às vezes eu não passei com seu aluno E aí fez o passeio mas qual é o seu objetivo né Então assim a leitura de imagem enriquece muito o trabalho com as Crianças eu gosto muito de trabalhar com leitura de imagens se eu trabalho uma história, eu faço um o cartaz da história, passa a música. Porque a criança começa a fazer a leitura dela a partir desse processo Ele lê a imagem aí ele cria e passa a fazer a leitura do cotidiano e começa a ter a descoberta da escrita.

Aliane: Como você trabalha e se relaciona com as exigências legais, não sei se está trabalhando com a BNCC e o DC-GO.

Professora: Estamos trabalhando, está bem puxado essa questão. Estamos trabalhando com a BNCC desde 2019 a DC-GO começamos ano passado 2020, e está tudo relacionado. O planejamento hoje tem que ter as fala da BNCC, os códigos que são da educação infantil das crianças bem pequenas que nós trabalhamos né e agora até o diário Nossa que a secretaria educação esse ano já adequou o diário que é online dentro da nova bncc então eu vou lá no diário da Secretária da Educação, abro o meu diário e a primeira coisa que eu tenho que fazer é ver, eu abro a BNCC, abro o código que eu trabalhei naquele dia que ele pode depois eu colocar atividade então já está tudo adequado dentro desse processo.

Aliane: é perdão, é porque eu esqueci eu acho que eu esqueci de falar um negócio da pergunta que é pensando no plano de ensino, plano de aula pensando a

diversidade da sala de aula né E as normativas que são pedidas lá que você tem que cumprir do currículo dos objetivos específicos né das habilidades que lá pede como que você trabalha no contexto trabalhar aquilo lá no contexto da diversidade da sala de aula né.

Professora: agora online não está fácil eu planejo né e o pai que tá tendo mediador desse processo né então assim isso não tá nem nosso planejamento hoje que está indo o país nós não estamos colocando a BNCC dentro desse planejamento nós estamos colocando dentro do meu planejamento né que eu faço dentro do meu diário e sim mas assim como que o pai vai entender essas diversas cidades linguagem. Se o pai não sabe nem o que é BNCC né então assim os pais reclamando muito tá tendo muita ausência de Pais nas atividades a minoria estão fazendo as tarefas de casa pouco, pouco que fazem, só que assim, o que eu planejo é dentro do contexto da BNCC só que assim o planejamento que o pai recebe não tem essas definições, mas o meu planejamento meu diário tem que ser dentro desse contexto da Educação Infantil essa diversidade é muito bom porque ele porque a bncc é assim eu penso de cabeça e facilitar o trabalho do professor apesar que tem professor que critica muito doutores já tem uma professora mesmo de Mineiros que ela acha assim que a bncc tem assim os seus defeitos entendeu assim relação assim é porque é igual, igual criticou os riquinês e falava que o riquinês que é cópia pronta de outros países que o brasil só tem boiadeiro e boi muita coisa pronta mas a BNCC foi feita assim, foi estudos de brasileiros mesmo, então é para melhorar. Então lá tem essa diversidade de tema para trabalhar com areia com a criança, com a música, você trabalhar com a história, o Eu e o outros que está sempre assim tá ligado assim né se eu posso interagir a criança com adulto Isso facilita muita questão de idade dele para casa que daí o eu, o outro e nós é muito trabalho muita questão da união e tá perto a família e o pai a mãe e as brincadeiras facilita muito para essa questão assim depois tentamos planejar um tarefa para casa nessa questão eu acho que tá mais fácil dentro da BNCC, então igual por exemplo trabalhar a arte assim, se o pai vai no parquinho para criança primeiro manipulou areia, molhou a areia né Brincou de roda então assim nessa questão apenas para facilitar essa questão da pandemia tá fácil para facilitar a planejar a tarefa de casa tá bem mais fácil assim e aí o importante é professor conhecer os códigos né que eu não posso colocar um código aleatório lá também, que também vai trabalhar um música. O que eu quero que saia pode vai trabalhar

uma música mas é o que eu quero que saia eu outro e nós né então assim ou é matemática né quantidade dessas coisas assim então o professor tem que conhecer por isso que nós estamos sendo muito cobrar a gente estudou bem a BNCC bem puxado mesmo, eu já aprendi muito mas não sei tudo não.

Aliane: E aí como é que você faz para pensar a avaliação desses alunos de contexto inclusivo?

Professora: você fala assim no caso é a distância?

Aliane: Não, dos alunos que são do contexto inclusivo?

Professora: Assim, na educação infantil nós não trabalhamos com a avaliação, trabalhamos mais com a participação com essas coisas então assim aí no caso vem um relatório né o relatório é feito a partir da linguagem da coordenação motora, corporal da criança, a partir do que a criança começa. Por assim, no início do ano por exemplo, apresentar dificuldade para falar, interagir, para dançar uma música, para se movimentar né então assim como o tempo ele passa a criança a desenvolver essas coisas né as habilidades, o que é direita esquerda aí então essa evolução dele vai para o relatório. Agora sim, no ensino fundamental é participação mesmo não tem como é a criança fazendo, construindo, realizando as tarefas, então assim os professores que estão no Ensino Fundamental, primeiro ano, segundo ano, estão sofrendo muito com essa questão em saber como avaliar essa criança. Se está corpo a corpo, você sabe se essa criança está aprendendo a ler a letra, se consegue formar uma frase né E aí assim a distância nem os inclusivos tá difícil, não tá fácil. Mas dentro da sala de aula é na participação mesmo dentro do dia a dia.

Aliane: Gente, tem alguma coisa para falar? aqui fechou as perguntas.

Meire: nenego vai falar agora

Joaquim: sempre tive uma dúvida, por exemplo, uma pessoa que agora nós estamos estudando libras né, e tenho a maior dificuldade nesse negócio o tanto que a minha mão é dura, meus dedos são duros. Difícil demais de fazer. E eu sempre tive uma dúvida, você trabalhou com a criança que era surda como você faz assim para se comunicar com ela? é necessário a criança também sabe libras? não é necessário?

Professora: Olha eu trabalhei assim, os dois alunos que tive de experiência em educação infantil né anos atrás igual te falei assim na educação infantil hoje eles alegam os seguintes que a criança de educação infantil não é obrigada a ter uma intérprete de libras entendeu. Então assim uma criança na creche por exemplo não tem direito a intérprete de libras né que geralmente no jardim um e Jardim dois também eles não eles sentem que é obrigado a fornecer intérprete para a criança então assim sim hoje em dia não é assim vai brincar com essa criança tem que colocar ela bem de frente com o professor né essa criança tivesse maturidade e conseguir interpretar a linguagem labial tudo bem se não é o que o pai ensina para ele em casa e aí e o professor tem que dar um jeitinho mas no jeitinho. A minha lá na na creche por exemplo ela não gostava de ficar com aparelho. Toda hora ela arrancava o aparelho dela tinha que ficar muito de olho ela ia brincar já tirava, então assim o que eu procurava trabalhar com ela era muito o concreto ia trabalhar uma rua que eu já chamava ela colocava um som, uma música, mostrava a música do Pato, mostrar uma imagem do Pato, pegava um pato de brinquedo e mostrava para ela e assim como ela era muito agitadinha ela gostava muito de dançar então assim mesmo eu não estando junto ali coordenando quando os colegas tava dançando ela acompanhava não assim a menina muito esperta quanto ele é muito esperto e o pai também entende um pouquinho e aí Aí o pai consegue ter essa conexão com professor né uma ajudando o outro mas geralmente na educação infantil ele não fez intérprete Se o professor não tiver dormindo a linguagem de libras tem que ir no jeitinho.

Joaquim: Você acha que as suas aulas de arte contribuíram para o desenvolvimento dela?

Professora: Contribuiu muito, o mais interessante nas aulas de arte o quanto que a criança fica por cima do professor porque a aula de artes tem esse poder de envolver né então se envolve muito com esse projeto de artes na creche sobre a ema, sobre a cidade então assim todo dia a criança e a criança passa a cobrar de você vai fazer hoje a criança esse envolvimento essa conexão, criança e professor, é muito grande, então assim hoje quando encontro os meus aluno na rua eles lembram de coisa que fizemos a quase e depois faz dois anos atrás entendeu então assim a arte tem esse poder de envolver, de criar é ideias e a criança e essa admiração também da criança

pelo professor, e do professor pela criança. E a música também tem essa questão, eu gosto de trabalhar muito com a arte, a arte tem que pôr a mão na massa mesmo e com a música que a música também envolve. A música tem essa questão do corporal a criança talvez não tem a dicção muito boa, a aprendizagem da fala, e a música contribui muito mesmo eu não sou muito boa de teatro não mas para trabalhar com a arte em si para com a construção mesmo e também com a música é uma coisa que eu faço praticamente todo dia na minha sala, música é todo dia que é linguagem da arte também né e a atividade artista também assim tô sentindo muita falta porque ela não tá tendo aula presencial né mas contribui muito com as Crianças Em toda questão da coordenação motora tem aluno que chega ele não consegue pegar na colher né ele não sabe o que que é Direita ou esquerda ele então assim essa atividade que vai contribuir e enriquecendo com a descoberta dela do dia a dia esse movimento de pinça que a gente faz isso aqui tem aluno que não consegue fazer que tem aluno que tem nojo de massinha né porque aquilo ali é nojento eu tive aluno que não comia mamão porque tinha nojo de mamão e melão. Então assim aí depois que comecei a trabalhar com argila com eles com massinha com areia molhada aí ele passou até nojo lá deixar hoje de lado e comer não comer melancia porque ele tinha nojo de melancia de melão é uma coisa assim bem interessante porque às vezes se o professor não tiver conhecimento ele não sabe o que trabalhar com aluno Ele come se colocar na boca dele mas para pegar não pegava então assim tem que oferecer essa diferença de coisas no dia a dia né pegar coisa molhada coisa líquida né aí também que cozinhar o macarrão deixar ele manipular ali a partir disso a criança começa a perceber as coisas do cotidiano que ele pode pegar pode sentir que pode vivenciar eu sinto tudo isso dentro da linguagem da arte para ela guardar arte e se eu não tivesse conhecimento você não consegue passar para o seu aluno.

Aliane: Mas alguma coisa gente.

Meire: não acho que não mandou tá bom né Muito obrigado acrescentar o nosso TCC obrigada pela sua participação é prazeroso para gente conhecer esse outro lado da história tá bom responder

ANEXO II- TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA PROFESSORA IRES³

Joaquim – Bom dia a todos, em primeiro lugar professora, é um prazer novamente estar com você já que nós estivermos juntos ao sexto período não é isso? É um prazer imenso e um prazer imenso estar com as meninas de novo, mas vamos ao que interessa:

Joaquim – Você como professora de artes, o que você entende por educação inclusiva, quais são as suas concepções, seus conceitos, suas visões?

Professora - Primeiro eu quero agradecer a oportunidade de fazer parte da pesquisa. Primeiramente essa área de conhecimento que investiga o processo de ensino e aprendizagem de alunos NE, processo de inclusão na escola é uma área de conhecimento muito ciumenta, no sentido assim, você tem que estar constantemente em contato com pesquisas, com acervos literários, com conceitos. Vou explicar a realidade dos professores que estão na sala de aula, na sala de aula dentro da escola você tem uma realidade muito dinâmica, no qual um ano você está em uma série no ano seguinte você está em outra série, tudo muda muito rápido para professor da escola, então o que eu percebo tanto para mim, quanto para os colegas que a gente acaba estudando mesmo nosso aluno especial, (Portadores de Necessidades Especiais), quando nós temos ele em sala de aula, pode ser que um professor ou outro faça pesquisa por interesse para aprender, por conhecimento, mas porque eu digo isso, como é uma realidade muito dinâmica, na maioria das vezes o professor tem 250, 300 alunos, somente se for um bom trabalho assim de cunho pessoal, de interesse pessoal, que você vai perceber que o professor ele estuda realmente acerca da inclusão se ele se ele não tiver um aluno neste processo de inclusão. Eu digo isso porque eu percebo pela própria fala dos colegas, só pra fazer um recorte antes de explicar, para muitos professores eu percebo que ainda é uma surpresa, com certeza vocês devem estar estudando as leis, os direitos da criança, os direitos humanos, a carta de Salamanca, (uma vez a gente estudou sobre ela um tempo atrás), então assim toda essa legalização, até a obrigatoriedade dentro do contexto escolar tem um processo amplo que muitas pessoas vem fazendo esse percurso para que a criança

³ Entrevista concedida pela Professora Inês pelo Google Meet no dia 13/04/2021.

saia desse núcleo fechado que é as escolinhas particulares, escolinhas privadas dos núcleos que antigamente elas frequentavam, inclusive até já fiz uma pesquisa há muitos anos atrás em uma escolinha que nem existe mais que era em um lugar nobre de Goiânia, elas atendiam (era uma fonoaudióloga, uma psicóloga e tinha uma pedagoga), então elas tinham essa escolinha somente para crianças especiais, neste período, (não me recordo o ano, mas em torno de 20 anos atrás) a gente não recebia na escola alunos portadores de necessidades especiais, então naquele ano visitei essa escolinha, quer dizer eu tinha um estágio lá e o que não permitiu que eu ficasse naquele lugar para desenvolver um processo de pesquisa, foi que o professor tinha que encaminhar o aluno ao banheiro e eu achei bastante constrangedor porque já eram adolescentes e na época eu era bem nova (já tem mais de 20 anos) então eu pensei que a situação é muito constrangedora para o professor, então não me senti preparada para fazer esse processo de higienização, já na escola pública esse processo de higienização quando a criança tem um comprometimento muito grande, ele é feito por auxiliar então a gente percebe que já vem um longo processo de pesquisa, de investimento eu sei que o governo federal tem uma carta e tem um material sobre acessibilidade que as escolas recebem até para fazer investimento em infraestrutura então já vem toda uma cobrança na questão dos banheiros da adaptação, dos corrimões de todo um processo de integração mesmo quando a criança é cadeirante no interior da escola e do lado de fora também. Igual a vocês que estão fazendo um recorte nessa pesquisa existe um grupo paralelo que está sempre investigando, buscando e acreditando que este processo de inclusão se torna mais significativo quando a criança portadora de necessidades especiais está junto com o outro grupo das crianças

não portadoras de necessidades especiais. Então essa moça me uma coisa que eu nunca me esqueci, que eles sempre levavam essas crianças (crianças da escolinha especial) no shopping, no zoológico e todas as vezes quando iam no shopping o pessoal parava pra ver como se fosse uma alegoria, não era por maldade, mas é porque elas não estavam incluídas no meio do grupo como um todo, muitas vezes elas eram tidas como recortadas da sociedade, então quem tinha às vezes na família, alguns não gostavam de estar apresentando ou por constrangimento ainda que existe algum preconceito; eu achei muito interessante quando ela disse que o curso da jumento ainda existe você e eu achei muito interessante, quando todo mundo vê as

crianças “ai que bonitinho, olha mas ele fez isso, nossa mas ela faz aquilo”, tipo assim a distância era muito grande desse convívio. Com a chegada desses alunos na rede municipal onde atuei por mais de 20 anos a gente percebeu assim que começou uma integração, já tive alunos no noturno, no vespertino, no matutino, nas turminhas A, no 9º ano, então para mim o conceito de inclusão vai além do processo de estar presente é incluir socialmente, incluir culturalmente, incluir no processo de ensino e aprendizagem e dentro da aprendizagem cada um apresenta as suas limitações ou não é o processo de Integração Social na sala de aula, porque não adianta nada, você tem uma criança aí e os outros colegas passam e circulam, passam e não dão bom dia e não interagem, aquela criança passa a ser ainda mais recortada daquele meio e sofrem, assim como outras crianças que sofrem bullying na escola, porque a escola é um processo de luta mesmo, que existe preconceito, existe discriminação existe brigas e conflitos, mas porque? Por que é do ser humano, então a escola tenta buscar posições críticas, mediação, mas na escola não tem esse espaço de santidade, esse espaço onde todas as pessoas do meu convívio e ali vivem todos em harmonia. Particularmente tem algum tempo que não tenho alunos especiais, quando eu tive muitos alunos especiais, cheguei até fazer um curso e esse conhecimento vai mudar de acordo com suas necessidades, então hoje no seu processo, se você me perguntar o nome de um pensador, de um pesquisador eu não vou conseguir me lembrar, porque como já tem uns 5 anos que não tenho alunos especiais, aliás tive 1, não sei se é um pouco de egoísmo, mas você acaba não tendo condições de investir, pra estudar mais sobre aquele tema, pode ser um defeito meu, como é muita informação, acabo investindo mais naquele processo que estou, que a realidade me cobra tal necessidade, tal conhecimento e invisto nisso. Então seria isso uma forma bem informal, bem leiga mesmo, para mim processo de inclusão vai no processo mesmo de incluir –se desde o aspecto cognitivo, aspecto social cultural de estar presente, não de uma forma recortada, mas incluso no aspecto de poder ter condições de conversar com o outro. Se por acaso tem uma criança com Síndrome de Down, ela vai ter um comprometimento intelectual, mas se você apresenta um quadro a fala dela não vai significar, porque o processo intelectual dela é diferente daquele outro que consegue fazer outra leitura? Não, estar incluído é permitir que a fala daquele aluno que tem o comprometimento tenha o mesmo valor do que o outro que não tem, é claro que cada um oferece as suas potencialidades, mas é permitir que ele busque, uma autonomia social e ele vai desenvolver um processo em que ele está sendo

incluído em grupo social, esse grupo social amanhã ou depois, ele tem condições de falar suas habilidades porque elas foram construídos em um ambiente escolar. Então seria mais ou menos assim.

Joaquim – Muito obrigado! Deixa eu perguntar para você assim, como você elabora o plano de ensino e o plano de aula pensando na diversidade da sala?

Professora – Hoje em dia, nós não temos mais aquela sala uniforme, Há bastante esses grupos estão sendo bem diferentes, o que que acontece: eu não elaboro um plano assim pensando nessas diversidades, porque elas são muitas e seria uma utopia quando você tem 10 turmas e você tipo assim tem mais de 300 alunos, eu faço diferentes projetos de pesquisa, vai que eu escolho determinado artista, aí dentro do trabalho do artista eu vou fatiando aquelas possibilidades das oficinas artísticas e nas oficinas de criação eu tento fazer núcleos de acordo com os processos de vivência dos alunos por exemplo: eu gosto muito de trabalhar na linha do processo criativo, então o processo criativo na experimentação, então tá lá o plano, seja da abordagem triangular ou outra abordagem, coloca o artista, faz a roda de debate, faz assim as investigações pessoais e aí no processo de construção numa tentativa de uma poética individual, aí sim eu vou tentar fazer, tipo assim: se é um aluno especial que eu sei que o comprometimento dele, ele não conseguiria trabalhar assim supondo com a modelagem de argila, então naquele grupo apareceria outros materiais que ele pudesse ter esse processo de investigação, então assim não é chegar na sala e dizer hoje todo mundo vai ser argila, hoje a gente vai trabalhar com argila, vamos pesquisar as possibilidades que a argila oferece, não, por que pelo menos muitos já tem a sensibilidade de poder identificar que essa questão da diversidade é algo relevante, por que você tem um tempo muito curto e é diferente você ter um espaço artístico um ateliê, você ter um grupo pequeno de alunos e que ali eles vão ficar a tarde inteira fazendo trabalho de investigação artística, você na escola você tem um período em que algumas é 40 minutos outras é de 1 hora, já teve períodos de 2 horas e o espaço onde você tem você juntos com os alunos constrói o ambiente de oficina e desconstrói, porque você tem que entregar a sala de aula do mesmo jeito que você recebeu para o colega, então tudo isso interfere nessa organização para fazer esse processo, mas eu particularmente eu gosto de fazer uma planilha de tirar umas fotinhas dos alunos, tipo um carômetro e nessa fotinha quando tem um aluno especial

(portador de necessidade especial) tem sempre que e eu gosto também de fazer um levantamento de habilidades fulano gosta de um suporte outro gosta de aquarela, ah gosta mais de argila, outro pintura, colagem, tipo assim eu já trabalhei em uma escola particular, que as alunas não gostavam de trabalhar com nada que fosse molhado, então tinta, argila, cola, porque elas eram muito vaidosas e elas não gostavam de sujar as mãos, parecesse uma coisa absurda, mas isso interferiu no que eu ia trabalhar com elas, por que se eu fosse oferecer essas técnicas mais tradicionais elas literalmente se recusaram a fazer, então tudo isso o professor de Artes observa, mas não existe mais aquele plano único, tipo assim, você faz um plano sem observar as características ou as realidades do seu grupo, muitas vezes nós professores, eu falo nós porque muitos colegas avaliam, sempre tem aquele período de sondagem, então eu gosto de fazer uma sondagem cultural tipo uma entrevista: eles se apresentam, tem uns que gostam de cor, artistas, o que ele entende pelo universo da Arte, o que seria a Arte para ele e esses depoimentos é servem para gente estar fazendo, estar traçando os planos de aula, então assim os planos de aula até com a contribuição do professor Paulo Freire ele não é mais aquele que o professor do ensino tradicional que você faz o plano e todo mundo vai ser adaptar àquele plano, na verdade hoje o professor se adapta praticamente 100% à turma que ele tem, é ele que se adapta, então é assim que a gente tá fazendo.

Joaquim – Obrigado, Professora Você tem alguma experiência de inclusão para compartilhar conosco em que você procurou soluções metodológicas do ensino de Arte para trabalhar com a criança em contexto inclusivo?

Professora – Tem uma experiência que eu achei muito significativa, que me marcou bastante, eu tive um aluno numa turma G acho que tipo uma sexta série e vou até falar o nome dele (Roselito), e o Roselito[AM1] sempre foi aluno da escola e ele era Síndrome de Down e sempre ele era visto assim, ele era muito engraçado muito divertido, os outros meninos gostavam muito dele, mas era sempre visto como aquele o brincalhão, até então não era visto como algo intelectual, e aí a gente tem um horário de estudo e nesse horário de estudo eu resolvi tirar ele da sala de aula para fazer uma investigação artística intervenção pela fotografia, então na época isso faz sei lá uns 12 anos atrás, na época fiz o levantamento conceitual, fiz as investigações, mas eu usei o processo de sensibilização através da imagem e da fotografia com um

recurso da máquina que chamou muito a atenção dele pra gente estar fazendo esse diálogo entre eu e ele como uma integração e dele como artista, então você vai se o artista, mostrei para ele como é um artista, os pensamentos do artista que era diferente porque tentava trazer algo novo pra sociedade, então eu fiz a proposta para ele de intervenção que ele usaria a máquina digital, para ele registrar o olhar dele do que ele via na escola e foi muito interessante por que ele fez umas fotografias muito legais, quer dizer começou a despertar nele um olhar , um recorte tipo um olhar né, começou ter um foco maior de atenção, ele começou a observar mais a escola, eu percebi que ele mudou muito na relação dele com o outro, ele se sentiu assim respeitado , ele não falava isso, mas a gente percebia no comportamento dele, que foi instigado a parte a parte intelectual dentro do comprometimento que ele tinha, mas o intelectual que ele começou a pensar intelectualmente ele começou a ele gostava muito ele agachava e fazia uns recortes, uns enquadramentos muito legais, então ele começou a observar a iluminação, então assim processos intelectuais mesmo de sombra de enquadramento, então eu fiz, a gente fez uma exposição, revelei essas fotografias, fiz o paspartu, coloquei o nomezinho dele, fez o corredor de exposição e os outros alunos foram visitar a exposição dele, quer dizer , não era mais o Roselito engraçado, não que seja ruim, o engraçado dele era como se ele fosse visto um palhaço, mas aí começou ser visto como alguém que produzia intelectualmente e isso despertou muita “secosidade” até de colegas , pessoas surpresas no sentido que ele poderia estar respondendo, foi uma experiência que você passa achando muito legal e vi assim e a mãe dele, tem o depoimento da mãe, a mãe disse que em casa ele começou a autoestima dele cresceu bastante, ele começou a ter outras responsabilidades que até então não tinha e eu percebo que que esse experiência do ensino de arte que ofereceu essa mudança no sentido assim, tanto afetiva, tanto estética, intelectual então eu vi que foi algo bem significativo para ele e lembrando que foi, não foi feito junto com todos os alunos, quer dizer eu percebi que precisava de uma medida mais individualizada, porque era interessante o acompanhamento do resultado, porque as vezes o aluno especial, tudo pra ele é legal no sentido de integração social, porém dentro do aspecto intelectual essa, essa individualidade do processo do professor de conhecer quais são suas impaciências de conhecer o que ele pode oferecer, investigar o que ele pode ir mais além, é uma relação individual, professor e aluno, não dá pra simplesmente assim, pode botar esse termo um todo, mas o professor tem que ter sempre suas anotações as suas observações de forma

individual, porque são particularidades individuais, então não dá pra você simplesmente achar, não, é todo mundo igual, é vamos fazer tudo do mesmo jeito que não é mesmo, aliás nenhum é igual, mas nesse processo é mais diferente ainda é só uma coisa que quando essa criança, as crianças especiais, elas percebem claramente quando elas são aceitas, quando elas sofrem rejeição, elas sabem que elas são diferentes num sentido assim, elas têm essa capacidade que todo mundo tem de observar a si e ao outro, então assim é só quando tiver um comprometimento muito grande, uma microcefalia ou alguns alunos que são autistas que tem seu universo muito particular, eu acho que o autista é o aluno mais difícil de trabalhar no sentido dependendo do nível que ele está, por que ele se isola bastante e aí até o professor chegar num processo de conseguir conquista afetiva, já chegou no final do ano e de repente no outro ano ele não tá mais na escola, então assim a gente percebe que 00, por que a gente já viu, já tive na minha aula, rejeitam mesmo o professor porque a sala muito cheia, as vezes não se identifica, não é tão comum nas áreas de Artes e Educação Física, por que são habilidades que favorecem muito a experimentação, mas eu percebo que os pais às vezes eles, eles é ficam limitados no que o aluno o filho oferece, as vezes não vê além por exemplo: eu tive um aluno que tinha comprometimento físico e intelectual dificuldade na locomoção é, uma série de psicomotricidades fina, grossa, mas ele gostava muito de guache, muito de tinta e aí ele começou experimentar, a gente sabe que tem vários artista que pintam com a boca e isso causa um pouco de constrangimento na relação familiar e aí eu tive que chamar a mãe e mostrar pra ela alguns pintores que usam os pés, usam a boca e que acabam e trabalham até com a questão figurativa a gente conhece e aí ele ficou mais tranquilo e ficou bem mais satisfeito de ver que existia uma produção muito grande dentro dessa temática da pintura e que o filho dela poderia até a sua autonomia financeira depois até ela tentou procurar uma escolinha de Arte, não sei se conseguiu, se aceitava porque eu não sei se as escolas de Artes da minha cidade que é Goiânia elas tem esse processo de inclusão de aceitar em si, aceitar quando a gente fala aceitar é de ter recursos né, humanos, e físicos, materiais para poder estar estimulando esse processo de aprendizagem, agora eu tive também um aluno que era surdo e mudo, ele era casado, super inteligente ele tinha a intérprete e aí é legal intérprete, mas aí o professor pensa, que professor, tem gente que consegue falar algumas palavras e outras não porque tem que fazer um curso que é bem extenso, no mínimo 3 anos aí pra você ter um domínio mesmo de falar a língua de sinais e ele

tinha uma habilidade artística inexplicável, tinha uns desenhos assim que, só que ele não acreditava na Arte quanto algo financeiro a Arte como né, ele já tinha focado muito na família então ele já trabalhava numa empresa e as relações interpessoais dele eram bastante conflitantes e eu acho que por ser tão conflitantes ele conseguisse expressar na Arte, meio um Van Gogh, conseguisse expressar na Arte de uma forma tão clara, mas eu não consegui convencer ele que o trabalho dele era muito legal, mostrei outros artistas, mostrei que ele é livre mostrei isso, mostrei aquilo, mas eu não consegui que ele percebesse né, que a Arte era, que ela é um recurso tanto financeiro, cultural, antropológico, estético, mas eu fiquei com muito pesar porque ele era muito talentoso, e pra finalizar eu tive um aluno que ele tinha comprometimento físico nas mãos e nos pés, então os pés eram entrelaçados e as mãos também, mas ele gostava muito de escrever, só que ele escrevia de forma aglutinada, então ele emendava muito obrigado, então ele ia escrevendo e emendando tudo e ele gostava muito de escrever poesia e eu falei pra ele assim: olha vamos fazer um livrinho? Né? Do seu trabalho e ele é mais como professora? Não, vou digitar, então eu peguei o trabalho dele e fui separando e aí a gente fez um vernissage eu imprimi os livrinhos dele ai gente fez um catálogo, com os poemas que ele fez, mas claro eu separei, fui separando e foi um processo muito legal aí a família dele esteve presente na escola a gente pegou uma sala de aula, fez a exposição de fotografia, fez a abertura do vernissage teve o comes e bebes e é claro a eu retorno à questão de autoestima, você se sentir produtivo, você sentir incluído no sentido intelectual, eu percebo que todas as experiências sentir-se incluído intelectualmente, traz uma relação diferente da pessoa com o outro né, então foi algo bem legal, na época a própria secretaria chamou o diretor, aí eu tive que sair dessa escola e aí não deu continuidade né, mas aí o professor foi chamado e elogiado pelo trabalho em si, foram essas as experiências que eu achei mais marcantes, as outras são experiências do cotidiano né, tipo você está vendo ali o que a pessoa tá produzindo né, você faz uma exposição, o ato de você fazer uma exposição na sala de aula, no corredor e lá tá o nome da criança e alguns já identificam, as vezes coloca a fotinha, isso já traz uma relação muito significativa para a criança para o meio, então foram essas experiências.

Joaquim – Nossa, que legal! Meninas vocês querem falar alguma coisa? Eu achei muito legal!

Aliane – como é que você avalia esses alunos que vem desse contexto de inclusão?

Professora – é a gente tem, o professor, ele tem que ter muito cuidado tipo assim o aluno portador de necessidades especiais, então o aluno portador de necessidades especiais, é a primeira coisa eu vejo se eu tenho um aluno portador de necessidades especiais, a família tem que apresentar um laudo, toda família tem que apresentar um laudo pra escola. Muitas vezes a família demora muito a entregar esse laudo, quando é esquizofrenia você não consegue identificar assim de imediato, então existem aqueles comprometimentos que visualmente, intelectualmente você consegue identificar, é bom ressaltar que o professor, ele não é um especialista, então assim, é, a própria rede municipal, tá tudo mudando muito, até então eu trabalhei numa escola que tinha muitos alunos especiais, porque nesse setor, tô falando assim foi investigado né, muitos eram filhos de usuários de drogas né e fez com que houvesse comprometimento na formação, então isso, eu vou desativar aqui um pouquinho só pra eu mudar de lugar, tá, mas eu vou continuar falando, e aí a prefeitura tem uma salinha, essa salinha, a salinha multifuncional em que tem um profissional especializado na maioria das vezes um pedagogo que tem o curso de psicopedagogia ou outros cursos, e alunos especiais eu nem os cursos que elas tem, mas enfim tem que ter os cursos, fazer uma prova e aí o aluno é atendido no contraturno nesses espaços, então como ele é atendido no contraturno nesses espaços é existe essa interação do professor (mudei aqui), existe essa interação do professor com essa professora e ela recebe os alunos especiais das outras escolas também, da rede e ainda tem o outro centro, específico de triagem que o aluno, os pais tem fazer, mas às vezes demora muito, quer dizer é da prefeitura eles vão lá fazem todo processo de triagem e fazem a devolutiva pra escola né, o processo de avaliação é muito presente no processo de que você conhece da deficiência né, tipo assim é um cadeirante então ele não tem não tem comprometimento intelectual, não tem comprometimento motor, o processo de avaliação é o mesmo de todos, é alguém que tem comprometimento físico que tem comprometimento motor nas mãos e a gente trabalha muito na inclusão, então vamos ver vamos ver quais as possibilidades que aparece quando ele vai mais além, então assim tudo vai de acordo com o comprometimento que a criança tem, mas a avaliação nunca é a mesma, é se tiver uma prova escrita aí a pessoa tem problema na mão, mas intelectual não tem problema, então faz uma avaliação oral,

então todos esses processos assim de sensibilidade eu percebo que todo mundo tem, por que? o aluno especial é muito cobrado do professor na rede pública, na rede particular eu não sei, é cobrado porque então existem, a própria secretaria cobra da escola cobra do coordenador, o coordenador cobra do professor atividade diferenciada então a coordenação faz procuradoria, tudo que, ele não é um aluno invisível né, por que a gente sabe que existem pessoas que acreditam que o aluno especial é invisível e sabe que tem pessoas que não concorda também, que acha que o aluno não deveria estar ali porque, porque ele está numa sala cheia, um único professor, eu particularmente eu acho que quando se tem alunos especiais, eu acho que deveria ter o auxiliar porque o aluno especial ele requer um tempo para ele, as vezes um dia, você tipo assim, você durante o mês você tem quatro aulas aí naquelas 4 aulas você vai ter uma aula com atenção maior para ele e o estante pra turma, supondo que você use essa dinâmica aí só no outro mês, não quer dizer que você não vai ver ele todo dia, mas está no outro mês você vai poder sentar com ele e ter esse atendimento mais individualizado, tem pessoas que fazem assim, eu já fiz assim, então vai muito do dia a dia, do cotidiano e do comprometimento que a criança tem, qual o comprometimento, o professor tem que saber, em primeiro lugar a própria equipe, a coordenação passa para o professor, o professor ele não tem capacidade eu digo assim não tem conhecimento e o próprio curso que ele fez, acho que agora vocês tem aula de inclusão, tem no curso de vocês, inclusão? – Aliane – parece que no próximo vai começar ter na próxima turma. Professora – então, no meu também não teve inclusão tinha um livro que a gente gostava bastante que eu emprestei práticas artísticas para alunos no processo de inclusão aí vinha Síndrome de Down lá lá lá e a gente percebia que era sempre na linha da experimentação no sentido que ao experimentar o gesso que é uma técnica super difícil que tem que ter bastante atenção porque ele endurece né e pode até causar acidentes e mais o processo de autonomia né, por que a Arte ela oferece um arsenal de possibilidades de autonomia de psicomotricidade, de intelectualidade, de observação, de análise, de reflexão, de leitura visual de.. porque ela tem uma matéria prima que é a imaginação né, e muitas vezes tem algum grupo que trabalha muito a imaginação, só pra fechar uma vez uma menina que ganhou um concurso de desenho, ela era Síndrome de Down e o desenho dela era um abstrato e ela ganhou da escola toda ganhou mesmo de uma revista de publicidade e o trabalho era muito legal, muito legal mesmo, ela conseguia fazer algumas massas de corpo, umas linhas e eles usaram o trabalho dela tipo um

logotipo, então quer dizer , por que? Por que existe aquele descomprometimento no sentido assim de cobrança né, eu acho que vocês já devem ter estudado, não me recordo se o nome correto dela é Nilce da Silveira, que trabalhava muito com aluno é da arte educação no processo de pessoas intelectuais mas já adultos né, eu acho que vocês já devem ter estudado.

Aliane – eu já ouvi falar dela e a gente também já estudou numa matéria, tivemos que pesquisar alguns autores relacionados ao ensino da arte.

Professora – isso e ela conseguiu coisa incríveis a vida dela inteira foi só as artes, nas artes plásticas em processo intelectual de pessoas com comprometimentos intelectuais e outros físico né e ela tem um acervo assim incrível né, simples mas é assim a gente vai de acordo com o comprometimento do aluno tem, essa avaliação ela feita de acordo com aquilo que, primeira coisa identificar esse comprometimento para você avaliar dentro do processo o que ele oferece, o que ele pode oferecer e aquilo que foi proposto e aquilo que ele pôde responder, agora existe uma regra eu não sei se ela tem todo mundo que o aluno especial ele não tem um processo, teve um tempo que ele não tinha nota e teve outro processo que ele não recebia nota menos de 5 agora não pergunte por que, eu não sei não sei porque, mas assim era normativa que alguns usavam o argumento ah ele está na integração social, então tipo assim ele não pode ser retido, não sei se vocês sabem disso, mas não é retido.

Joaquim – Bom professora, tem umas outras perguntas aqui, assim eu vou passar bem para frente porque você já respondeu algumas delas aqui, na sua Concepção o aluno com deficiência atrapalha na qualidade do ensino na turma? Por que?

Professora – desculpa eu não entendi.

Joaquim – na sua concepção o aluno com deficiência atrapalha a qualidade de ensino da turma? Porque?

Professora – olha essa pergunta ela é fantástica, porque na verdade existe uma polêmica que eu vou lá entre os bastidores porque do que eu já observei assim de colegas né, eu sempre antes mesmo de fazer o curso de Artes, eu tive nessa

escolinha, por que eu tinha interesse muito grande assim de estar pesquisando essa área de conhecimento depois o foco foi mudando assim né e o que que acontece, eu acho acontece em primeiro lugar, o aluno especial ele chegou na escola e o professor, não foi passado nenhuma informação a mais para professor então a própria secretaria não fez um curso de formação de inclusão do professor a incluir esse aluno no contexto da escola, então eu acho que começou por aí, às vezes a lei, num dia tem e no outro o povo executa (risos) e aí o que acontece esses alunos, vou usar um termo foram chegando na escola, foram chegando, na medida que foram chegando foram recebidos e eu já vi assim, muita rejeição de colegas, talvez eu já tenha feito também né, eu não parei assim para analisar porque? justamente por esse processo de não ter, ah mas você tem que pesquisar Eu já vi muito argumento, você tem que pesquisar (nas reuniões), você tem que pesquisar você tem que, tem que ir além mas igual eu disse para você se você tiver 3 alunos numa sala de 30 alunos portadoras de necessidades especiais se você abrir a bibliografia de cada síndrome de cada comprometimento, você tem aí matéria, estudo aí pra você passar 10 anos pra você estudar só sobre 1 aspecto, mas só sobre comprometimento, e seria uma ilusão achar que o professor ele tem condições, de porque, o professor da escola pública é diferente de um professor de uma escola federal que ele tem um grupo menor de alunos e uma quantidade maior de pesquisa né é ao contrário você tem um grupo maior de alunos e o tempo menor de pesquisa, então se você tem isso, naturalmente você não pode não ter uma qualidade tão significativa né? Qualidade eu digo assim que você vai olhar as particularidades de cada um né principalmente professora de Arte, de inglês e por exemplo né, tem uma colega minha, ela é pedagoga, ela tem uma turma então ela tem 13 alunos então na minha opinião ela consegue saber tudo dos 13 alunos aí na mesma escola você tem a professora de Arte, de inglês você tem 10 turmas você tem 300 alunos então como que você consegue saber tudo dos 300 alunos da mesma forma e o professor que tem 30 então assim eu acho que é algo surreal né mas você acaba fazendo um... eu acho que ele não atrapalha, mas dependendo do comprometimento que ele tem ele pode comprometer eu não digo nem a aprendizagem como um todo, ele pode comprometer a aprendizagem dele quando do colega no sentido assim já teve o caso de uma criança que eu não me lembro qual que era o comprometimento dela, era uma síndrome intelectual era era um Down, mas era em escala bem severa né então ele fica o tempo inteiro gritando né aí ele fazia ah ah ah ah você colocar uma criança que tem.

Aliane – Tourette que ele tinha. Não era Tourette não?

Professora – eu não sei porque era tanta coisa, vocês que estão pesquisando estão bem sensíveis ao comprometimento. aí você imagina você tem uma criança em uma sala fechada com pouca ventilação, sem ar condicionado às vezes com ventilador quebrado, uma tarde quente com 30 alunos e o menino e a criança, o menino gritando constantemente seria uma hipocrisia dizer que o professor que tá lá né ia ter 100% de paciência e que todo mundo ia aprender da mesma forma, não, enquanto não resolve a situação né, aí não tem ninguém que pode tirar ele para dar uma volta na escola né, porque às vezes ele pode tá sentindo calor ali né, mas ele pode tá assim com vontade sair mesmo daquele espaço, mas aí quem que vai levar ele aí, ah vamo mandar a turma inteira né, aí você sai com a turma inteira, tô falando relatos de coisa que já vi né, aí sai a turma inteira e o aluno, ele sai correndo, correndo, correndo, correndo e o professor tem que olhar os 29 e ele saiu que saiu correndo você não sabe para onde que ele foi então assim eu acho que existem falhas no sentido assim de estrutura, suporte, até mesmo de materiais porque eu percebo assim que isso aí é igual a ele jogo da corda né como chama aquilo um puxa dum lado o outro puxa do outro, o professor puxa dum lado vai fazer os questionamentos dele, a instituição vai puxar do outro, o governo federal vai puxar do outro, vai falar dos dois, quer dizer, ninguém tá querendo puxar pro mesmo lado, no sentido assim, de trabalhar junto, de ouvir o que realmente um acha e o outro acha para que tenha um caminhar junto né, então fica essa queda de braço todo mundo querendo ter razão e aí quem vai sofrer as consequências é o aluno, eu acho que essa pergunta ela vai dependendo do que a escola pode oferecer, no comprometimento da criança né, porque assim umas coisa importantes é, quando a criança é agressiva, então assim a gente já teve casos de criança que se auto multilavam e que tentava multilar o colega então quer dizer, então o professor ele não tem como ele ter, ele vai trabalhar a questão cognitiva ou ele vai trabalhar mais a questão de integração, de afetividade, então tudo pode ter sim comprometimento dependendo de acordo com que a escola tem para oferecer, do que criança tá tendo aquele momento que é uma criança e agressiva você não pode trabalhar com tesoura e dependendo do, é, régua ele quebrar régua e corta sim o outro, então é uma realidade muito é sem peculiar eu acho eu acho que algumas perguntas eu acho que não não é possível fechar elas com pergunta e resposta né enquadrar ela, eu acho que é interessante sempre ter uma contextualização porque,

por que a gente só, a gente usar porque se a gente enquadrar algumas perguntas e algumas respostas, a gente pode cair no erro assim de taxar né, não isso é assim, isso é assim eu acho que existe de repente os espaços vazios que são nesses espaços e vai estar mediação de repente pode ser isso mas sim eu já vi colegas que rejeitam outros que aceitam aceitam tudo bem, outros que aceitam, mas não tem nem conhecimento mas não tem como buscar conhecimento, ou se tem conhecimento, muito conhecimento, mas na prática não consegue aplicar, mas eu acho que é positivo sim, a criança tem que estar na escola, eu acho que é o espaço dela eu acho que é o espaço de integração social, porque uma vez uma pessoa falou assim, uai se ela vive no mundo, o mundo é são todas as pessoas misturadas, porque que ela vai estudar numa escolinha separada, às vezes acreditava que ela tava na escola separada desenvolvendo habilidades para entrar num mundo Social, só que quando ela vai para escola esse mundo social dela ampliou bastante né ampliou bastante, as outras crianças começaram a ter mais paciência mais tarde então já tinha alunos que sabia falar Libras lembra melhor do que eu, por que eu sei pouquíssimo, aliás nada né, então já tinha alunos que aprenderam, com alguns alunos então essa relação da integração social eu acho que foi bem positiva a relação intelectual eu não sei se ela foi tão significativa assim, mas a relação a interação social ela eu acho que ela cresceu, ela foi bem positiva, essa chegada, na verdade os alunos chegaram na escola.

Joaquim – Meire você quer falar alguma coisa? Não estou te ouvindo, tá sem som... não,

então professora enquanto a Meire ajeta ali é ... eu oi para mim eu tô muito satisfeito com as suas respostas e tenho mais duas perguntas que eu faço questão de fazer, Quais são as suas inseguranças a respeito da inclusão?

Professora – a minha insegurança maior é a questão tem quando você recebe um aluno, como você vai, o que a escola tem, igual falei o que a escola tem para oferecer quando a gente recebe um aluno portador de necessidades especiais, por exemplo: a escola que eu estou hoje eu não tenho mais o tempo de estudo em todas as escolas da rede professor ele tem a manhã inteira todos os dias da semana ele tem 4 horários de estudo, portanto ele tem uma manhã inteira pra estudo, na que eu estou também é pública, mas eu não tenho então eu vou eu ter esse tempo para poder investigar

sobre esse processo de “inclusagem” é claro que tem hora que a mãe fala que você tem que ter esse tempo, mas aí você pensa poxa porque que, porque não me é dado esse tempo essa oportunidade de poder, assim como as outras escolas você estar, por que 1 hora de leitura específica, ela tem uma contribuição muito significativa né, então eu vou, vou ter que usar o tempo que já não tenho, tem filhos, tem casa, tem que fazer um monte de coisa, fazer plano, tem que fazer isso tudo, quer dizer vou ter que usar esse tempo a mais né, pode parecer um egoísmo, mas eu acho que não, eu acho que é um direito eu acho que o professor ele tem que ter alguns direitos assegurados, então acho assim talvez a minha insegurança esteja mais em responder como construir né, como estar construindo habilidades intelectuais, quando eu falo intelectuais eu falo descobrir dentro do universo que ele tem no comprometimento que ele tem como que vou contribuir no processo de estimular o seu universo intelectual, para que ele tenha autonomia para poder ou ter uma linguagem poética artística ou para tá inserido no seu meio social como linguagem como comunicação, então a insegurança é mais no sentido assim, como que será o meu próprio comprometimento como será a minha pesquisa como será uma ação né a escola tem algo para oferecer, tem algum material, não tem, uma questão que é interessante o aluno especial ele vai pra escola mas supondo no caso de Arte, ele a escola não ganhou uma verba a mais pra comprar mais material parece uma coisa egoísta não é, porque às vezes tem alguns materiais que a escola compraria mais por causa de um aluno especial por exemplo: o giz pastel a óleo, a gente sabe que o giz pastel a óleo é caríssimo, mas o giz pastel a óleo ele dá um traçado que é fascinante você pega um papel preto aí a criança vai e risca um verde mais claro ou fosforescente, eu falo porque eu já fiz essa pesquisa aí você percebe que aquela pesquisa com aquele material desenvolvendo aquele daquela que é curioso né esse olhar é perceptivo assim então o material ele desenvolveu naquela criança naquele momento um olhar extremamente curioso esse olhar perceptivo tipo assim então o material ele pode ser muito sedutor para os alunos especiais ou como ele pode ser muito é chato se você, eu já vi uma vez é e não era professor de Artes, ele também não tinha conhecimento né, então o professor tinha um aluno especial e o aluno o ano inteiro no lápis de cor então a criança detestava lápis de cor, detestava por que? por quê não foi oferecido nada pra essa criança além disso, molhar as mãos, areia, farinhas, gesso. lixa tudo que pudesse tá explorando seus sentidos né seu sentido visual, auditivo, o tato e eu percebo claramente pelos alunos que a gente tinha que eles gostam demais de, todo

mundo gosta, de explorar a materialidade do objeto né e de repente você vê assim na Arte contemporânea, quantos artistas vem oferecendo justamente essa pesquisa da materialidade do objeto, do plástico, do tecido e a gente percebe assim que se o professor ele tem o recurso para estar investindo né, dificilmente você consegue pedir lá, ah eu quero 3 metros de tecido: 3 metros de tecido? Vai fazer o que com 3 metros de tecido? Uai eu preciso de 3 metros de tecido, por que eu vou fazer um trabalho com meu aluno (tecido eles amam tecido, principalmente os alunos Síndrome de Down , eles amam brincar com objeto), aí você me pergunta, por que eles gostam? Não sei, quem é o especialista vai entender né porque criança gosta de brincar, ah gosta porque estimula o universo lúdico, imaginário, eu que ela gosta, muitas vezes pelo toque do tecido, quando você leva uma lycra né então ele enrola na lycra aí você tem lá o Artulio Bispo né que tem toda a indumentária que ele trabalhava no processo dele de criação, então assim eu acho que o material ele é muito importante para o professor de Arte estar fazendo esses processos de investigação eu acho professor de arte faz investigação artística com os alunos especiais através da materialidade do objeto e buscando o que intelectualmente ele pode oferecer eu acho que é um viés muito legal, mas o meu receio mesmo não consegui identificar os procedimentos metodológicos que possa estar estimulando essa questão intelectual da psicomotricidade e esse universo poético do aluno.

Joaquim – Meire agora vai?

Meire – Tá me ouvindo?

Joaquim – agora sim.

Meire – eu só queria dar os parabéns à professora pelas colocações que ela está fazendo, elas são bem dinâmicas e assim quem vem enriquecer nosso trabalho, estou satisfeita com suas respostas, muito bem colocadas.

Professora – todas elas aconteceram no campo de trabalho, nenhuma delas foram criadas, todas ocorreram no campo de trabalho nenhuma delas, de forma como elas foram aparecendo, foram surgindo, aparecendo e você vai trabalhando eu até falei que tem uma artista que eu tô fazendo um curso com ela, que eu conheci ela pelo Instagram, que ela virou artista porque a criança dela a filha Lulu, tem uma síndrome rara.

Joaquim – aquela que você me mandou aquele...

Professora – isso o cursinho que ela tem, de aquarela, a gente compra ele por mês e se quiser, continua comprando e eu fiquei encantada com a história dela e o trabalho dela visual também achei muito legal e aí eu tô fazendo esse curso com ela eu achei muito interessante e já são técnicas que com certeza em sala de aula podem ser aplicadas né para aluno especial e o outro aluno né então agora claro algumas muitas vezes todos os alunos faz o mesmo procedimento técnico né agora o direcionamento a, o comprometimento que pode ser desenvolvida é diferente uma coisa que interessante, que criança especial ela gosta de lógico, de pesquisar o material ela consegue fazer umas manchas de tinta muito legal que o outro aluno que tá tão preocupado em fazer algo bonito as vezes não consegue dá meio um bloqueio, eu já percebi que isso despertavam nos outros uma curiosidade, nossa como que você fez isso? Nossa olha o trabalho de fulano, porque, porque eu às vezes o aluno portador de necessidade especiais não tem internalizada essa crítica né, essa crítica que muitas vezes é construída socialmente e ainda presente na escola do belo né, então ele passa mais por esse processo de investigação e ele consegue dar um resultado assim às vezes muito legal na cor né, que o outro já tá mentalmente tipo assim já tá tentando raciocinar de uma forma meio fria não sensível de como que ele colocaria as cores no trabalho, mas esse trabalho dela é muito legal chama “Arte para Lulu” vale a pena quem tem Instagram conhecer, porque isso é também, eu agradeço a vocês eu acho assim tem um grupo que vai continuar investigando esse processo da inclusão no contexto escolar e tem outro grupo que que não vai estar né, então parabéns para vocês, escolheram um tema, que é um tema é, quando a gente fala que é delicado no sentido assim que a pessoa tem que ter essa sensibilidade como abordar né, o olhar crítico, quando fazer a crítica e é uma área muito ampla de conhecimento né, quer dizer, tipo assim se você pegar o nome autismo têm vários níveis diferentes de autismo que é particularmente eu acho mais difícil que é recente também né, porque um tempo atrás todo menino que era era taxado por hiperativo, tá então fulano é hiperativo às vezes uma indisciplina era vista como hiperatividade e às vezes é porque a pessoa não tinha mesmo a disciplina e hoje eu percebo assim que qualquer aluno que apresenta um comprometimento é, na interação social é vista como autista, com um comprometimento de aprendizagem outro diz que é autista, então eu ressalto, eu não tenho esse conhecimento e muitos colegas meus também

não tem para poder dizer somente especialista né e consegue fazer ter conhecimento para identificar e consegui imprimir um laudo né que esse lado é contribuir Processo Trabalho do professor em sala de aula e que sem esse lado também ele vai trabalhar em nuvens né, ele pode ir lá pesquisar, mas de repente o laudo chega totalmente diferente do que você tava pensando, então eu acho que não tem como o professor se ausentar é, de pedir mesmo apresentação de conhecer esse laudo, quando vem o láudo tem muitos termos técnicos ali que já vi bastante, muitas vezes bastante extenso, mas é um laudo preciso né, e o professor precisa estar lendo esse laudo, então é isso.

Joaquim – professora deixa eu fazer só mais uma perguntinha aqui, como é que é a acolhida dos alunos de contexto inclusivo na sala de aula?

Professora – essa pergunta é muito interessante, por que, depende muito, na escola pública é muito interessante a gente tinha um aluno que ele era mudo e surdo e ai estava sendo em parte a acolhida né, a escola inteira no pátio e ele foi lá na frente falando que ele queria fala, dai ele pegou o microfone tocaram uma música e ele ficou lá fazendo todos os gestos no microfone né e os meninos lógico morreram de rir, mas receberam super bem, não ficaram fazendo..., se fosse outro colega, os meninos iam falar ah seu palhacinho sai daí, mas não os meninos já sabiam que ele tinha esse comprometimento e perceberam que tipo assim, mesmo com o comprometimento, ele não falava, não ouvia, mas ele tava lá cantando então eles acharam engraçado, na verdade existe uma sensibilidade muito grande deve ser por causa de todos os direitos da criança da carta de Salamanca, de todos alguns professores, acho que na pedagogia eles tem uma área, uma matéria do aluno especial então existe uma sensibilidade dentro poder público muito grande de inclusão, sensibilidade não quer dizer que seja qualidade né, então assim na maioria das vezes, assim que eu acompanhei os alunos, eles não tem é, eles não oferece um preconceito de judiar, porque ele sabe quando a pessoa ela pode estar numa situação indefesa a gente sabe que às vezes tem alunos que judiam não é novidade para ninguém, aquele que é mais fortão que gosta de bater no mais fraquinho aquele que é isso gosta de fazer a prática do bullying, pra mim bullying é uma prática que tem que ser sim combatida, discutida e amplamente na escola, eu acho que o preconceito racial ele é mais forte mais forte do que a aceitação dos alunos NE no contexto da escola, eu acho que o

preconceito racial é muito mais severo, por que assim aparentemente a gente percebe que as crianças elas tem o conhecimento que ele é diferente, seja físico, intelectual e parece que existe um, não sei se é internamente uma sensação de acolhida né, não sei por qual motivo, mas eu já vi na prática acolhida assim, eu nunca presenciei, tanto que esse que gritava muito, os meninos achavam engraçado eles não reclamavam, agora quando o outro vai fazer barulho, aí eles reclamam, porque como pô cara você não tem nada fica na sua ah o outro, mas o outro tem, ele é diferente eu não sei se esse é diferente é positivo ou negativo né questão assim pra depois o professor estar pensando, investigando se realmente ela acharem o outro diferente se é algo bom ou ruim, mas particularmente eu acho que o preconceito racial é muito mais forte que a aceitação dos alunos NE.

Joaquim – bom da minha parte Professora, muito obrigado e muito satisfeito e parabéns pelo seu conhecimento você com certeza vai agregar e muito para nossa pesquisa obrigado mesmo. meninas querem falar alguma coisa?

Aliane – obrigado por sua disposição de participar da nossa entrevista, de ajudar no nosso TCC, muito obrigado.

Professora - olha eu dô parabéns para vocês espero vê – los na escola né, porque não vai terminando o TCC todo mundo já é colega de trabalho né, espero que vocês dentro da sala de aula, não não se Surpreenda no sentido assim de às vezes poder decepcionar, por que o mundo ele, ele traz coisas positivas e coisas decepcionantes , então a gente tem que ter e às vezes a gente acha que o professor é um pouco romântico né a gente tá sempre vendo o lado bom das coisas então assim é eu acho que é legal vocês terem estudado o trabalho da Nilce né que é bem interessante e assim eu que agradeço é assim, quando eu vi o tema eu pensei assim nossa e agora? Eu não tenho nada para oferecer, por que assim é um tema muito difícil, não é fácil, por que tem que ter investigação, mas eu acho que para Arte é importantíssima, por que eu acho que são poucos alunos de Arte que se interessam né, em investigar esse tema em trazer para a escola algumas... eu percebo que na escola particular é como se fosse, igual o bullying não vamos tocar na ferida, não aqui nunca aconteceu bullying, não a gente não tem discriminação com aluno tal, ah não, não sei o quê né,

eu tenho uma prima que tem uma menina que é especial mas também ela também nunca me contou de pequeno, consegui descobrir ela tem o pescocinho assim caído e ela tem um retardo né, mas ela não tem Síndrome de Down e aí ela rodou Goiânia inteira e não conseguiu uma escola particular que aceitasse essa menina dela e aí as escolas literalmente, não nós não temos ninguém pra poder auxiliar ela, mas se sabe que isso por lei isso não é permitido né, muitas escolas alguma aceitam, ai tal escola tem o trabalho de inclusão, mas não é tal escola se sabe que todas as escolas são obrigadas a aceitar a escola que tem que se adaptar, se ela não tem ninguém para auxiliarentão ela vai contratar e na verdade a gente sabe que não acontece bem sim mas enfim desejo a vocês toda boa sorte com o trabalho boa escrita né e é isso e dá uma olhadinha no trabalho da Arte para Lulu.

Joaquim – eu vou mandar aquele negócio para eles, para elas, vou mandar. Meire você wuer falar?

Meire – quero agradecer a participação da professora e dizer que sim muito rico para nós né, tudo que ela colocou e parabenizar pela experiência dela. Deu pra ouvir? Eu estou trabalhando.

Joaquim – tudo bem deu certinho e perdooo então Professora Muito obrigado Aliane encerra aí para nós por favor do seu modo tchau.

Aliane – tchau bom dia pra vocês, bom trabalho!

Joaquim – tchau.
